



Michel Foucault

e as urgências da atualidade. 20 anos depois

INDICE

EDITORIAL	3
MATÉRIA DE CAPA	3
<i>Michel Foucault 1926-1984</i>	<i>3</i>
<i>A inquietude da atualidade.....</i>	<i>6</i>
Entrevista com Michel Foucault.....	6
<i>O último Foucault.....</i>	<i>9</i>
Entrevista com Tomás Abraham	9
<i>Foucault pensou com todos e contra todos</i>	<i>10</i>
Entrevista com Felisa Santos.....	10
Entender o que é pensar.....	15
Por Felisa Santos	15
<i>"Foucault nos ensina a pensar".....</i>	<i>18</i>
Entrevista com Eni Orlandi	18
DESTAQUES DA SEMANA.....	19
ARTIGO DA SEMANA.....	19
Crise de Autoridade	19
Por Rosiska Darcy de Oliveira	19
ANÁLISE DE CONJUNTURA.....	21

Anorexia histórica.....	21
Por Cristovam Buarque	21
MEMÓRIA	23
Jacques Derrida.....	23
Presença de Derrida	23
Por Jürgen Habermas	23
Morre o filósofo Jacques Derrida	24
Jacques Derrida: "uma nova política altermundialista é a única saída"	25
DEU NOS JORNAIS	27
FRASES DA SEMANA.....	30
EVENTOS IHU.....	32
ABRINDO O LIVRO	32
Fractals, Caos e Sistemas Complexos	33
CICLO DE ESTUDOS SOBRE “O MÉTODO”, DE EDGAR MORIN	33
IHU IDÉIAS.....	34
Corpo-Verão e agenda do corpo.....	34
Rumos da arquitetura.....	34
O vampirismo no mundo contemporâneo	35
Bioinformática para compreender a vida.....	36
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SALA DE LEITURA.....	37
Ética aplicada.....	37
<i>O CONTINENTE</i> NO II CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL.....	37
TERCEIRO ANIVERSÁRIO DO IHU É COMEMORADO PELA UNIVERSIDADE	38
HUMANITAS ARTE.....	39
2005: II CICLO DE ESTUDOS SOBRE “O MÉTODO” DE EDGAR MORIN, EM PORTO ALEGRE.....	39
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO BRASIL. LIMITES E POSSIBILIDADES.....	39
IV JORNADA DE ESTUDOS SOBRE RELIGIÕES E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO.....	39
TEOLOGIA, CULTURA, RELIGIÕES E MISSÃO DAS IESCS	40
TECENDO SOLIDARIEDADE, CIDADANIA E MÍSTICA	40
TEILHARD DE CHARDIN PARA O SÉCULO XXI.....	40
TEILHARD DE CHARDIN NO BRASIL	41
IHU REPÓRTER	41
ROMEU FORNECK	41
SALA DE LEITURA.....	44
Enquete no sítio do IHU - www.ihu.unisinos.br	44
Confira o resultado da enquete da última semana	44

EDITORIAL

Vinte anos depois da sua morte, Michel Foucault ainda está presente. A loucura, a medicina, a exclusão, o direito, o liberalismo, a sexualidade são temas que continuam sendo debatidos, hoje, e a referência a Foucault é inevitável. “Nossa visão do mundo permanece ligada ao trabalho de Michel Foucault. Nosso olhar sobre a loucura e a exclusão depende, em grande parte, do seu livro **Histoire de la folie à l’âge classique** (História da loucura na era clássica). A crítica contemporânea da ciência, as questões que nós lhe colocamos sobre as suas condições de possibilidade e sobre suas relações com certas estruturas de poder, se inscrevem nas dobras dos seus livros **Les Mots et les Choses** (As palavras e as coisas) e **L’archéologie du savoir** (A arqueologia do saber). A questão do direito, da justiça e da punição tem que fazer as contas com o livro **Surveiller et punir** (Vigiar e punir)” – escreve François Ewald na revista **Magazine Littéraire**, de outubro, que tem como matéria central Michel Foucault, *une éthique de la vérité* (Michel Foucault, uma ética da verdade).

A Unisinos, no primeiro semestre, celebrando o vigésimo aniversário da morte de Michel Foucault, por meio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, promoveu o Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault. Com este **IHU On-Line**, retomamos a discussão desse importante pensador da contemporaneidade. E o fazemos no preciso momento em que morre Jacques Derrida. Todos os nossos entrevistados/as e os artigos publicados neste número nos ajudam a compreender melhor, nas suas diferenças, tanto Michel Foucault quanto Jacques Derrida.

Enfim, como dizia Michel Foucault, “lutar contra o poder, lutar para o fazer aparecer e o desvendar lá onde ele é mais invisível e mais insidioso” é também o trabalho que nos cabe continuar no momento atual.

A todos e todas uma ótima semana e uma proveitosa leitura!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

MICHEL FOUCAULT 1926-1984

Transcrevemos, a seguir, uma biografia de Michel Foucault, baseada em informações publicadas nos seguintes sítios: www.pucsp.br/~filopuc/verbete/foucault.htm; www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/bio1.html e proex.reitoria.unesp.br/edicao62set2004/materias/foucault.htm

Paul-Michel Foucault nasceu em 15 de outubro de 1926. Filho de Paul Foucault, cirurgião e professor de Anatomia em Poitiers, e Anna Malapert, Michel pertencia a uma família em que a medicina era tradição, pois tanto o avô paterno quanto o materno eram cirurgiões. Mas Foucault

traçou o próprio caminho. Desde cedo, demonstrou interesse pela história, influenciado por um professor que teve ainda na escola, padre De Montsabert. Foucault era uma pessoa curiosa, o que fazia com que buscasse, por conta própria, suas leituras. Seu interesse pela filosofia não tardou a aparecer, aprofundando seus estudos com entusiasmo. Como pano de fundo, Foucault vivia os tormentos da Segunda Guerra Mundial. Decepcionando a expectativa de seu pai de que se tornaria médico, e apoiado pela mãe, Foucault segue seu caminho rumo à filosofia. O fato de pertencer a uma família burguesa, possibilitou-lhe um auxílio frente às suas necessidades econômicas. Ele e o pai tinham uma relação conturbada, o que não se repetia com a mãe, com quem mantinha forte vínculo. Mudou-se para Paris em 1945, e retornava sempre que podia para visitar a mãe em Poitiers. Enquanto se preparava para provas, a fim de concorrer a uma vaga para ser aluno na École Normale da rue d'Ulm, Foucault entrou em contato com Jean Hyppolite¹, professor que lhe ensinou Hegel e reforçou seu encanto e sua vocação para a filosofia, marcando-o profundamente. Em 1946, iniciou seus estudos na École Normale da rue d'Ulm. Foucault trazia com ele a característica de ser uma pessoa solitária e fechada, o que foi tornando-se cada vez mais forte, pois as relações e a competitividade por parte dos alunos desta escola fizeram com que ele recuasse ainda mais do contato social. Tornou-se uma pessoa agressiva e irônica, características estas que se mantiveram por toda sua vida. Em 1948, Foucault tentou suicídio, o que acabou levando-o a um tratamento psiquiátrico. Este impulso retornou outras vezes em sua vida. Segundo o psiquiatra que o acompanhou, esta atitude estava ligada a dificuldades frente à sua homossexualidade, que começava a anunciar-se. Esta experiência colocou-o, pela primeira vez, em contato com a psiquiatria, psicologia e psicanálise, o que marcou profundamente a sua obra. Foi leitor de Platão, Hegel, Kant, Marx, Nietzsche, Husserl, Heidegger, Freud, Bachelard, Lacan, etc. Foucault aprofundou-se nos estudos de Kant. Considerava que sua filosofia era uma crítica a Kant, no que diz respeito à noção do sujeito como mediador e referência de todas as coisas, já que para Foucault o homem é produto das práticas discursivas. Admitia grande influência de Heidegger em sua obra, chegando a afirmar: "Todo o meu devir filosófico foi determinado por minha leitura de Heidegger". É influenciado também por Nietzsche, por quem se apaixonou, e por Bachelard. Leu também autores como Kafka, Faulkner, Gide, Genet, Sade, René Char², etc. Este filósofo tornou-se grande amigo de Louis Althusser, que o levou a aderir ao partido comunista. Por toda a vida esteve às voltas com a política. Licenciado em filosofia pela Sorbonne, em 1948, em 1949, licenciou-se em Psicologia. No ano de 1952, cursou o Instituto de Psychologie e obteve diploma de Psicologia Patológica. No mesmo ano, tornou-se assistente na Universidade de Lille. Foucault lecionou psicologia e filosofia em diversas universidades, em países, como Alemanha, Suécia, Tunísia e EUA. Trabalhou durante muito

¹ **Jean Hyppolite** foi um filósofo francês conhecido por seu trabalho com Hegel e outros filósofos alemães. Ele realizou a primeira tradução francesa da obra de Hegel **Fenomenologia do Espírito**. Foi professor na Universidade de Strasbourg, onde escreveu *The Genesis and Structure of Phenomenology* (1947). Em 1949 mudou-se para a Sorbonne. Em 1954 foi diretor da École Normale Supérieure e em 1955 elaborou um estudo sobre Karl Marx. Em 1963 foi eleito para o Collège de France. Enquanto filósofos como Jean-Paul Sartre são conhecidos pela produção de novos e influentes trabalhos para a filosofia alemã, Hyppolite é lembrado como um bom expositor e professor. Influenciou um grande número de pensadores, incluindo Michel Foucault e Jacques Lacan (Nota do **IHU On-Line**).

² **René Char** (1907-1988) é um dos mais importantes poetas modernos franceses. Admirado por Heidegger pela profundidade de sua poesia filosófica, foi também um herói da Revolução Francesa e nos anos 60 militou no protesto anti-nuclear. Associado com o movimento surrealista por muitos anos e amigo íntimo de muitos pintores - como Braque, Giacometti e Picasso - escreveu uma poesia que confronta os principais interesses morais, políticos e artísticos do século XX, com uma simplicidade de visão e expressão que deve aos poetas e filósofos da Grécia antiga (Nota do **IHU On-Line**).

tempo como psicólogo em hospitais psiquiátricos e prisões. Escreveu para diversos jornais. Viajou o mundo apresentando conferências. Em 1955, mudou-se para Suécia, onde conheceu Dumézil. Este contato foi importante para a evolução do pensamento de Foucault, pela idéia de estrutura que Dumézil desenvolveu. Conviveu com pessoas importantes da intelectualidade de sua época, como Jean-Paul Sartre, Jean Genet, Canguilhem, Gilles Deleuze, Merlau-Ponty, Henri Ey, Lacan, Binswanger, etc. Em 1961, defendeu tese de Doutorado intitulada *Loucura e Desrazão*. Esteve no Brasil, em 1965, para conferência a convite de Gerard Lebrun, seu aluno, na rue d'Ulm, em 1954. Foucault faleceu no dia 25 de junho de 1984, em plena produção intelectual, o que fez com que sua morte fosse muito sentida. A causa da morte foi questão de muitas discussões, sendo levantada a hipótese de AIDS.

Obras de Michel Foucault

O autor publicou as seguintes obras: *Doença mental e Psicologia* (1954); *História da Loucura* (1961); *Raymond Roussel* (1963); *O nascimento da clínica* (1963); *As palavras e as coisas* (1966); *A Arqueologia do saber* (1969); *A ordem do discurso* (1970 - aula inaugural do College de France); *Vigiar e Punir* (1977); *A vontade de saber - História da sexualidade I* (1976); *O uso dos prazeres - História da sexualidade II* (1984); *O cuidado de si - História da sexualidade III* (1984).

Por ser uma pessoa extremamente estudiosa, culta, atraía admiração dos demais. Há grandes discussões a respeito de Foucault representar ou não a corrente estruturalista. O próprio autor, em sua obra *O nascimento da clínica*, usa, pela primeira vez, o termo estrutura, demonstrando, neste texto, a intenção de realizar uma análise estrutural. Em 1969, em seu novo texto *Arqueologia do saber*, Foucault revela que a análise estrutural não o auxiliou a tratar da problemática que pretendia no texto *O nascimento da clínica*. Ao contrário, acredita que a análise estrutural acabou por nublar a problemática em questão. O método mais apropriado, a seu ver, seria o método arqueológico, separando-se e diferenciando-se então da proposta estruturalista. O pensamento de Foucault poderia ser localizado como parte do debate sobre modernidade, em que a razão iluminista ocupa o local de destaque. O homem, para este filósofo, ocupa um papel importante, uma vez que é sujeito e objeto de conhecimento. Considera o homem como resultado de uma produção de sentido, de uma prática discursiva e de intervenções de poder. Foucault discute o homem, como sujeito e objeto do conhecimento, por meio de três procedimentos em domínios diferentes: a arqueologia, a genealogia e a ética. Estes procedimentos constituem momentos do método. Para este autor, o método se dá diante do objeto a ser estudado, e não ao contrário. Por meio do método arqueológico, este filósofo aborda os saberes que falam sobre o homem, as práticas discursivas, e não verdades em relação a este homem. Reivindica uma independência de qualquer ciência, pois acredita não poder localizar o homem através do que ela pode oferecer. Estabelece sim, inter-relações conceituais dos diferentes saberes e não de uma ciência. A arqueologia pode ser encontrada, principalmente, em duas de suas obras: *A História da Loucura* e *As palavras e as Coisas*. Neste último livro, explicita condições de possibilidade, para que os conhecimentos possam se dar de uma determinada forma, em uma determinada época, que é o que o autor chama de episteme. A genealogia, segundo este autor, permite pensar na questão do poder como uma rede em que o homem é visto como objeto e sujeito das práticas do poder. Mais tarde, Foucault irá desenvolver a noção do biopoder. A genealogia não se opõe à história, e sim aos desdobramentos metaistóricos das significações ideais e das indefinidas teleologias. Opõe-se apenas à pesquisa de origem. Este método se encontra, principalmente, em sua obra *Vigiar e Punir*. A ética, para Foucault, é a possibilidade de apontar o sujeito que constitui a si próprio

como sujeito das práticas sociais. É o momento para refletir o motivo pelo qual o homem moderno constitui critérios de um modo de subjetivação em que tenha espaço a liberdade. Encontra-se este método principalmente em **O uso dos prazeres** e **O cuidado de si**. Esta elaboração foi feita nos últimos meses da vida de Foucault, momento em que parecia surgir para este filósofo a necessidade de pensar sobre ele mesmo.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A INQUIETUDE DA ATUALIDADE

Entrevista com Michel Foucault

*Traduzimos e reproduzimos, a seguir, uma entrevista com Michel Foucault, realizada em junho de 1975 por Roger-Pol Droit e publicada no jornal **Le Monde** de 19 e 20 de setembro de 2004. A entrevista ajuda a compreender o pensamento de Foucault, tema de capa da presente edição.*

Em 1972, com Gilles Deleuze, você inaugurou, na revista *L'Arc*, uma nova concepção da própria noção de poder e uma nova análise das relações entre “os intelectuais e o poder”, para retomar o título dessa entrevista³ que fez sucesso. Como nasceu esta iniciativa?

Ela se situava numa conjuntura precisa, que de bom grado eu chamaria de a “grande cobertura marxista”, a qual sempre pesou e que, naquele momento, pesava sobre os discursos e as práticas nascidas em torno de maio de 1968. Não se encontrava justificativa para todas essas ações, senão numa referência constante e respeitosa ao marxismo e à sua “cientificidade”. Tornou-se, pois, necessário, ao nosso ver, fazer-se outra coisa... E isso não podia, de maneira alguma, ser pura e simplesmente uma crítica do marxismo: ela nos reconduziria exatamente ao mesmo circuito reverente! Tratava-se, antes, de marcar ser ela verdadeiramente a coisa a pôr em questão, o alvo que estava em jogo em todas as suas formas de luta. Pareceu-nos que se tratava das relações de poder, do exercício dos poderes. Sem dúvida, este ponto não é estranho às análises de Marx, mas ele implica, não obstante, numa descentralização importante que permitiu restituir o sentido e a direção de toda uma série de ações que eram realizadas naquele momento. Com Deleuze, antes que um debate, era, no fundo, uma partida que nós jogávamos em comum. Jogávamos um para o outro a bola, sempre sobre o tema: “Como você tem razão!... mas você tem ainda mais razão do que lhe parece, porque...” Encadeava-se, assim, o jogo, recomeçando todas as vezes do ponto onde havíamos chegado.

Como você descreveria as mudanças ocorridas no papel dos intelectuais nesses últimos tempos?

Ser um intelectual antes da guerra ou imediatamente depois dela, era encontrar-se numa posição universalista, que permitisse ter sobre qualquer assunto um discurso, fosse qual fosse seu domínio de aplicação, a mesma sintaxe e a mesma semântica. Era, ao mesmo tempo, ser prescritivo e dizer: “Eis o que é preciso fazer”, “Eis o que é correto, e o que não o é”. Era igualmente ser profético e dizer: “Eis o que vai acontecer”. Encontravam-se sempre essa figura e essas características. Não estou seguro de que Sartre não tenha procurado outra coisa, mas tenho a impressão de que, de qualquer forma, ele se deixou envolver nesse papel. As pessoas de minha geração começaram a procurar outra coisa. Talvez não tivéssemos o talento, ou o

³ Publicado no n.º 49 de *L'Arc*, esta entrevista, com data de 4 de março de 1972, foi retomada nos *Dits et écrits de Michel Foucault* (Galimard).

gênio, como se desejaria, para ter esse discurso universalista. Talvez também as relações com o Partido Comunista se tivessem tornado demasiado difíceis. Em todo o caso, experimentaram-se ações em que os intelectuais não falam, finalmente, senão do que eles conhecem, de seu próprio lugar de experiência ou de competência, com tudo o que isso pode comportar eventualmente de limitado. Resiste-se o mais possível ao funcionamento do intelectual universalista que fala não importa de quê, que toma posição sobre a política iraniana ou sobre a crise do petróleo. Em lugar disso, tentou-se, antes, definir um intelectual regional, falando do seu lugar de experiência. Por que é ele o seu lugar? Porque esta foi a sua vida, ou porque o seu corpo está aí confinado. Então, nada de função universalista.

E a função prescritiva do intelectual, essa postura normativa que lhe faz enunciar, digamos, o bem e o mal, pertence sempre, segundo seu ponto de vista, aos novos papéis que você descreve?

Absolutamente. Ao meu ver, o intelectual não deve fazer valer o seu discurso sobre o dos outros. Ele procura antes dar lugar ao discurso dos outros. Isso não quer dizer que ele deva calar-se, pois então se cairia no masoquismo... Seu papel é o de abrir possibilidades de discurso e de misturar o seu aos dos outros, de entrelaçar o seu discurso com o dos outros, como num suporte. O intelectual também já não tem mais uma função profética. Em vez de perguntar-se: "O que vai ser isso?", "Para onde é preciso ir?", procura-se antes pôr questões ao presente: "O que se passa?", "Quem somos nós?" Em vez de dar um assobio de chamada e pôr todo mundo em fila para proclamar: "Eis o objetivo!", é melhor procurar compreender o que se passa atualmente, o que nós fazemos, quais são as relações de poder que passam através de nós sem que nós o saibamos, qual é, pois, o acontecimento que nós constituímos, ou melhor, do qual somos os tolos: e é ainda melhor interrogar-se: "Quem somos nós, a ponto de sermos enganados?", "Onde estão as ciladas?", etc. Para mim, o que hoje constitui os intelectuais, é esta inquietude da atualidade. Nós somos antes jornalistas do que profetas, mas jornalistas de nós mesmos. Eis as funções que se procurou desencadear.

Quais são os novos domínios onde se exercem essas novas funções?

Veja as pessoas que se bateram pela liberdade do aborto: médicos, e também as mulheres que assumiram mais responsabilidades, que se expuseram, que eram a maioria dos professores, dos artistas, dos intelectuais. Veja o movimento da antipsiquiatria: se o que se passou no interior dos muros do asilo efetivamente pôde ter lugar, é porque houve uma espécie de discurso do intelectual que tornara possível que essas palavras dos internados fossem consideradas como discursos, ou seja, outra coisa a mais do que gorgolejos ininteligíveis e desqualificados. Veja as lutas em torno da homossexualidade, e com mais forte razão da sexualidade em geral; jamais os intelectuais foram tão fecundos, tão próximos em seus discursos daquilo que se diz na realidade. Finalmente, essa nova cena concerne ao corpo, ao *habitat*, à sexualidade, à família, ao cotidiano...

Você ainda não mencionou as prisões. Nesse domínio, se desenrolaram lutas nas quais você tomou e continua a tomar parte ativa. Como se distinguem, sobre a questão das prisões, as antigas e novas modalidades dos intelectuais?

Eis efetivamente uma questão sobre a qual os intelectuais não cessaram de intervir, ou, em todo o caso, de abrir o olho, após o fim do século XVIII. Eles desempenhavam diversos papéis. Primeiramente, eles podiam dizer: "Escutai, como intelectual, ou seja, homem da universalidade, eu posso garantir-vos que essas pessoas – que evidentemente não têm o direito à palavra, e não podem ter este direito, já que são delinquentes – têm, não obstante, até

um certo ponto, razão em sua revolta, sua indignação, seu desespero, e eu garanto, por mim, como homem de valor em geral, o valor particular de tal ou tal de seus gritos.” Uma outra função era a de dizer o seguinte: “Elas, essas pessoas perdidas no fundo da mina, no buraco em que elas estão, não podem compreender muito bem tudo o que se passa ao seu redor e através delas. O sentido histórico, ou filosófico, ou político, sou eu que vo-lo digo. Eu vou, pois, falar em seu lugar. Enfim, o intelectual podia tomar a iniciativa de dizer: “Para que o sistema punitivo funcione devidamente, ele deve satisfazer tais e tais exigências.” Todos esses discursos eram discursos de caução. Eles davam a garantia, o sentido, a prescrição. O que se tentou fazer, a propósito das prisões, era completamente diferente. Tratava-se de entrecruzar discursos, dos quais nenhum era privilegiado. Nós não nos calávamos, não porque se tratava de um detido que falava, nós não lhe reconhecíamos o direito de fazer-nos calar, mas nós também não nos reconhecíamos o direito de falar em seu lugar. Pareceu-nos que o fato de estarmos no exterior não era para nós nem qualificação, nem desqualificação. Era uma posição em relação à prisão, uma posição permitindo falar da prisão, sem falar em seu lugar. O fato de conhecer outros domínios, como, por exemplo, os asilos psiquiátricos, ou ainda, a história da instituição penal, podia ser um importante instrumento de luta, que permite rever processos, linhas de força, pontos de fraqueza, etc. Não se estava muito seguro em fazer valer este saber como “a verdade” do que os outros diziam na prisão, mas também não se podia fazê-lo calar como um saber irrisório, burguês, abstrato, puramente teórico, extraído dos livros... Afinal, os livros também existem... Tratava-se de fazer interferir tudo isso, a fim de dar uma possibilidade aos prisioneiros de chegarem ao discurso.

Os prisioneiros falam, exprimem-se, podem mesmo fazer-se entender... Então, o que significa exatamente “aceder ao discurso”?

Os fatos de discurso e os direitos ao discurso não são repartidos da mesma forma. Uma realidade como aquela da loucura e do confinamento, como a da prisão e da delinqüência, não podia ser senão desqualificada ou reduzida ao silêncio. Nossa função não era a de tornarmos recuperadores compassivos dessas pessoas sem voz e de fazê-las possuidoras do mesmo discurso que nós. Nós tínhamos que desfazer a ordem do discurso, de maneira que a pluralidade dos discursos entrasse em sua guerra, eu diria “natural”. Nós trabalhávamos pelo direito à guerra dos discursos, não por sua absorção na unidade em que cada um se reconhecesse. Evidentemente, os prisioneiros falam, e eu não digo que eles não falam, mas que o que eles dizem não entra no sistema dos discursos. Entre “o que se diz” e “o discurso” eu estabeleço uma diferença. “O que se diz” é todo um conjunto de enunciados pronunciados absolutamente não importa onde, no mercado, na rua, na prisão, num leito, etc. “O discurso”, entre tudo o que se diz, é o conjunto dos enunciados que podem entrar no interior de uma certa sistematicidade e trazer consigo um certo número de efeitos de poder regulares. Nas prisões se falava, mas não se tratava de discursos. Os intelectuais vão, então, pôr-se a trabalhar o seu próprio discurso, de maneira tal que ele se ponha a falar com, contra, ou em face dessas coisas que se diziam e que não eram discursos...

E a transformação teve lugar?

Sim. As coisas ditas tornam-se discurso. Vocês me dizem: “São os intelectuais que agenciam esse discurso...” O belo negócio! O intelectual, numa sociedade, é, precisamente, o preposto ao discurso. O que vai se passar na ordem do discurso vai, de qualquer modo, dizer-lhe respeito. Ele será a favor ou contra, mas nada, finalmente, pode ser feito na ordem do discurso, sem que o intelectual intervenha nisso. Tomemos ainda um outro exemplo, o que eu chamaria de o “murmúrio da loucura”. Eles murmurejam, vocês os vêm em toda a parte. Não há psiquiatra que

não possuía toneladas de cadernos, de cartas, de manuscritos enviados pelos loucos. Nos arquivos da Bastilha, vocês ainda encontram este murmúrio da loucura, em maços inteiros, intactos desde o século XVIII. Mas essa massa permanece sem poder. Ela só tem a força do grito, sua violência, à qual responderá a violência do psiquiatra que fará calar o grito, metendo a pessoa num subsolo, para que ninguém a escute. Para que esse murmúrio se torne um discurso, o discurso da loucura, é preciso que ele possa obedecer a um certo número de regras, que não são simplesmente as da semântica e da sintaxe, mas as regras da aceitabilidade de um discurso num contexto dado. O fato, por exemplo, de que exista um certo número de analogias entre o discurso da loucura e o da prisão torna-se uma das condições para que esse discurso da loucura seja efetivamente entendido. Mas, uma vez ainda, enquanto tudo isso não funcionar como “discurso”, enquanto tudo isso permanecer simplesmente “coisas ditas” – murmuradas, suspiradas, gritadas... -, os efeitos de poder serão nulos. É necessário precisar ainda que não é porque essas coisas ditas se tornam discursos, que elas desencadeiam imediatamente efeitos de poder. Eu diria antes que, a partir do momento em que elas desencadeiam efeitos de poder, que elas entram na luta, obedecem a uma tática, possuem objetivos, designam inimigos, desqualificam um certo número de enunciados, então, por isso mesmo, elas se tornam discursos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O ÚLTIMO FOUCAULT

Entrevista com Tomás Abraham

O filósofo, escritor e sociólogo Tomás Abraham, catedrático na Universidade de Buenos Aires, é um observador ativo da realidade política. Quando publicou seu penúltimo trabalho, **Pensamiento rápido**. Buenos Aires: Sudamericana, 2002, Tomás Abraham chamou os intelectuais argentinos a saírem do comodismo e tomar a palavra frente à crise nacional. Formado em Paris, é autor de 15 livros, como **La Empresa de Vivir**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000, **Historias de la Argentina deseada**. Buenos Aires: Sudamericana, 1985 e **El último ofício de Nietzsche**. Buenos Aires: Sudamericana, 1996, Tomás Abraham também se dedicou a pensar temas, como a televisão, o discurso dos economistas e a vida privada de filósofos - de Platão a Kant, de Gombrowicz a George Soros. Em seu último livro **Situaciones postales**. Barcelona: Anagrama, 2002, retorna ao ensaio filosófico. Tomás Abraham estudou com Foucault, Althusser e Canguilhem. Fundou a revista **La Caja** e, desde 1984, coordena um grupo de aficionados à Filosofia, conhecido como "el Seminario de los Jueves". Escreveu sobre Foucault, Nietzsche, Gombrowicz, Lacan. Publica artigos em jornais e revistas. O filósofo, por causa de inúmeros compromissos nos últimos dias, concedeu uma rápida entrevista ao **IHU On-Line**, por e-mail.

IHU On-Line- Como foi a sua convivência com M. Foucault? O que lhe chamava mais a atenção no filósofo?

Tomás Abraham - Foucault foi meu professor no Departamento de Filosofia da Universidade de Vincennes. Chamou-me a atenção sua precisão, sua amabilidade, sua alegria, sua luta contra todo tipo de censura, até a das tendências politicamente corretas.

IHU On-Line- O senhor se refere ao último Foucault, houve diversos Foucault?

Tomás Abraham - Não, mas o último muda de tema, e de tom. Interessa-se pela relação do indivíduo consigo mesmo, a amizade, a franqueza cínica, etc.

IHU On-Line- Que ferramentas o filósofo nos deixou para poder compreender melhor a sociedade atual?

Tomás Abraham - A microfísica do poder, as ciências do conhecimento, a ordem do discurso, a positividade do poder, a biopolítica, uma nova leitura de Nietzsche, uma prática da filosofia que continua a revolução teórica de Nietzsche e Marx.

IHU On-Line- Que atualidade tem os conceitos foucaultianos de “disciplina”, “controle”, “governabilidade” e “biopoder”?

Tomás Abraham - Todas essas noções têm atualidade enquanto tenhamos as ferramentas para analisar sem preconceitos a sociedade contemporânea. É preciso lembrar que, para Foucault, o mundo não é mau, nem a denúncia nem a resistência absolvem de fazer uso da curiosidade.

IHU On-Line- Quais as semelhanças entre Foucault e Jacques Derrida, falecido na semana passada?

Tomás Abraham - Em relação a Derrida, Foucault sempre criticou o fato de ele não sair da filosofia. A importância do pensamento do fora. Derrida dizia que, independentemente, das questões dos "fatos", havia questões de "direito", um assunto de legitimidade. Uma das obras talvez mais gloriosas de Foucault, *As palavras e as coisas*, assinalam o lugar da filosofia para Foucault: a construção das ciências a chama arqueologia, seus materiais são das disciplinas empíricas. Derrida jamais haveria imaginado uma aproximação tão heterodoxa.

[\(Voltar ao índice\)](#)

FOUCAULT PENSOU COM TODOS E CONTRA TODOS

Entrevista com Felisa Santos

*“Foucault se expõe. Seu pensamento se arma fundamentalmente contra outros pensamentos”, afirma a filósofa Felisa Santos, definindo Foucault como um filósofo aberto. Professora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires, ela concedeu a entrevista que segue ao IHU On-Line, por e-mail. O campo de trabalho de Felisa Santos é o pensamento contemporâneo e a comunicação visual. Sobre Michel Foucault, a professora publicou **Más de una muerte**, em **Vidas filosóficas** (Buenos Aires: Eudeba, 1999); e **El riesgo de pensar**, em **El último Foucault** (Buenos Aires: Sudamericana, 2003). E sobre Foucault e Derrida, Felisa Santos escreveu **El sueño del maestro**, em **Tensiones filosóficas** (Buenos Aires: Sudamericana, 2001). Realizou traduções de obras de Bourdieu, Certeau, Derrida, Rorty, Slotjerdyk, Foucault, Weber, Offe. O último livro por ela traduzido é **Las mujeres piensan diferente**, de Marit Rullmann e Werner Schlegel (Buenos Aires: Sudamericana, 2004). Atualmente, trabalha sobre Deleuze e prepara um livro sobre imaginação, imagem e o imaginário. Logo após a entrevista, segue um artigo que foi escrito e nos enviado pela professora, atendendo a nosso pedido.*

IHU On-Line - Como caracterizaria Foucault como filósofo?

Felisa Santos- Foucault é, diferentemente de muitos de seus contemporâneos, um filósofo aberto. Há pensadores que enclausuram a possibilidade de seguir pensando, enredados em caminhos que não só não levam a lugar nenhum, mas que, também, se tornam lugar de passagem para acólitos, caminhos que levam a uma espécie de claustro com portas e janelas fechadas. Foucault as tem abertas. E as tem abertas justamente porque não há algo assim como uma filosofia foucaultiana. Divergentemente de Deleuze e de Derrida, que morreu na sexta-feira passada, que construíram caminhos filosóficos muito idiossincrásicos, diria que muito íntimos,

Foucault se expõe. Seu pensamento se arma fundamentalmente contra outros pensamentos. Ocupou-se do que estava passando, e é por isso que foi tão criticado. Não erigiu uma reserva própria para poder refletir, pensou com todos e contra todos. É um percurso singular que mais que se atar a fantasmas fundacionais, uma escola, uma ontologia, um mestre, certas idéias dirigentes, tenta sempre pôr em questão as escolas, as idéias dirigentes, a mesma noção de mestre. Difícil de enquadrar, então, sempre nas fronteiras, filósofo nas pedreiras da história, Foucault é um pensador lúcido que reflete sobre a atualidade, um gesto da *Aufklärung* ainda vigente. É preciso destacar que Foucault não é como propõem algumas leituras, especialmente as norte-americanas, um filósofo pós-moderno, é um crítico. Alguém que despreza o sinuoso percurso dos hermeneutas que fazem proliferar a filosofia em todas as partes, mantendo seu lugar de *maître*, que não é só mestre, mas também dono ou senhor, pelo menos dos textos, dissimulando seu lugar de poder. Foucault permaneceu sempre, digamos, indiferente diante dos avatares do pensamento pós-moderno. “O que se chama de pós-modernidade? Não estou a par.”⁴ Mas, nesse mesmo texto, disse que considerar “o momento presente como sendo na história o da ruptura, ou da consumação, ou do cumprimento, ou o da aurora que volta” lhe parece um estigma, ao mesmo tempo nos convida; “é necessário ter a modéstia de dizer ao mesmo tempo que - inclusive sem essa solenidade - o momento no qual se vive, é muito interessante, e demanda ser analisado, e demanda ser descomposto, e que, com efeito, temos que nos perguntar: O que é hoje? ” [...] a tarefa da filosofia é responder [...]o que somos nós hoje? E esta função de diagnóstico “não consiste em caracterizar simplesmente o que somos, senão, seguindo as linhas de fragilidade de hoje, chegar a captar por onde o que é, como o que é poderia não ser o que é.” Por último, Foucault aborda a atualidade na obra kantiana como o eixo que permite a ele mesmo dedicar-se à filosofia crítica: “é esta a forma de filosofia que, de Hegel à Escola do Frankfurt, passando por Nietzsche e Max Weber, criou uma forma de reflexão na qual tentei trabalhar.”⁵ A filiação dos filósofos é coisa estranha. Parece mais tarefa da história da filosofia que da filosofia propriamente dita. Se é que há algo assim, porque, em geral, os grandes pensadores o que fazem é erigir uma forma de pensar como a filosofia e aí as contribuições dos outros, que sempre as há, são somente um componente, no melhor dos casos, dessa maneira pretendidamente nova de encarar a atividade. A autofiliação a maioria das vezes não é outra coisa que autolegitimidade, mas, na versão foucaultiana, é a remissão de uma cadeia de pensamento que, abertamente, deve ser continuada, pois, situação contingente, o pensar se faz sobre o que acontece, e esse horizonte que nos obriga a refletir, será elucidado por quem pense depois de nós. Precariedade, e não absolutez do pensamento. Ainda que seja essa mesma precariedade que permite pensar. Restrição e produção estão juntas em todas as partes. Situar-se no pensamento não é só pensar o impensado. É também saber que esse impensado será base para desfazer. Virão outros operários para prosseguir a obra. E é por isso que não há, em Foucault, uma filosofia, entretanto, ele é filósofo. Sua própria obra nos propõe, não a conformação de uma filosofia nova, mas uma investigação na história do pensamento. A história – dos sistemas de pensamento e então também da filosofia - não é uma barreira que nos impede de pensar e que terá de ser levantada, para que o pensamento flua. É o que nos obriga a refletir.

IHU On-Line- Quais são as principais ferramentas que existem em suas obras, para entender a sociedade contemporânea?

⁴ FOUCAULT, Michel. *Structuralisme et poststructuralisme, Dits et écrits*, IV, 330, p.446., Paris, Gallimard, 1994. (Nota da entrevistada).

⁵ .-FOUCAULT, Michel, “¿Qué es la ilustración”, *Sobre la ilustración*, Madrid, Tecnos, 2003. (Nota da entrevistada).

Felisa Santos - Foucault tentou entender, e nos fazer entender, o que nos acontece; sua idéia de uma ontologia de nós mesmos nos três sulcos em que está traçada, como sujeitos de conhecimento, como sujeitos do poder, como sujeitos éticos, assinala o deslocamento de sua análise: das práticas discursivas que ordenam o saber às relações de poder e destas às relações do indivíduo consigo mesmo que permitem falar de sujeito, em sentido estrito. Não são só deslocamentos de *corpus* a estudar, são deslocamentos teóricos, fundamentalmente, porque não é possível a abordagem de um objeto sem uma reflexão sobre o como, quer dizer, uma metodologia. Não há receitas, então, senão trabalho, rigor, ao construir um roteiro.

Foi escrito muito sobre o poder em Foucault. Parece que sua concepção de poder foi suficientemente inovadora para dar lugar a interpretações diversas e, melhor ainda, a considerações muito diferentes sobre o que dizia Foucault e, conseqüentemente, de sua tomada de posição, grandemente crítica, por exemplo, em relação a Habermas ou aos pensadores norte-americanos. Algo nesta concepção de poder não estava correto para eles: Se o poder era onipresente – como entendiam que Foucault questionava, onde estava a liberdade? Foucault definia o poder em um texto publicado em 1982⁶: *Ação sobre ação*. E sublinhava que “o “o poder não existe mais que em ato, inclusive se, é obvio, inscreve-se em um campo de possibilidades dispersas, apoiando-se sobre estruturas permanentes.” Isso lhe permite: 1.º- Distinguir nitidamente entre a dominação que não é uma ação sobre ação, é ação sobre os corpos, sobre as coisas e, portanto, exclui qualquer outra coisa que não seja a passividade, a impotência. Uma relação de poder exige que “ ‘o outro’ (aquele sobre o qual se exerce) seja reconhecido e mantido até o fim como sujeito de ação, e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis.” 2.º- Dar conta, então, da liberdade dos sujeitos operantes. Liberdade entendida “como espaço de liberdade concreta, quer dizer de transformação possível.”⁷ Mas me parece que há um aspecto de Foucault que nos pode servir para seguir pensando. É a obsessão pelos métodos: a arqueologia, a genealogia, a “acontecimentalização”, a problematização não são só palavras. São formas de acesso ao que é. E ali a riqueza é impressionante. São estas perspectivas que fazem surgir o aparelho conceitual: a disciplina, o dispositivo, o biopoder.

IHU On-Line- Que atualidade têm os conceitos biopoder, sociedade de controle, disciplina e governabilidade?

Felisa Santos- Podemos perguntar-nos se estamos ou não diante, ou melhor, em uma sociedade de controle, ou já, de fato, imersos em uma sociedade de outro tipo, uma sociedade pós- disciplinar. Nesse sentido, o texto do Deleuze, *Pós-data às sociedades de controle*⁸, marca uma possibilidade de pensar sociedades posteriores. Na América Latina, pode ser uma má piada, porque em muitos países ainda se exerce um poder sobre a vida, que é anterior, historicamente falando, ao biopoder foucaultiano. Quer dizer, o direito de vida ou morte sobre os outros, o poder de soberania que é o outro lado do biopoder se exerce cotidianamente e não só na América Latina. Foucault tinha forjado essa noção para dar conta da irrupção de uma forma de governo que produzia a vida dos sujeitos em vez de ter direito sobre a vida dos súditos, isto é, o direito de matá-los. E define o biopoder como aquele que aparece quando são

⁶ .- «The Subject and Power» («Le sujet et le pouvoir»; trad. F. Durand-Bogaert), in Dreyfus (H.) et Rabinow (P.), *Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics*, Chicago, The University of Chicago Press, 1982, *Dits et écrits*, IV, p. 208-226. (Nota da entrevistada).

⁷ .- FOUCAULT, Michel, “Structuralisme et poststructuralisme”, *Dits et écrits*, IV, 330., Paris, Gallimard, 1994.p. 449. (Nota da entrevistada). (Nota da entrevistada).

⁸ .- Este texto está em *Pourparlers*, Paris, Minuit.

dadas as possibilidades técnicas e políticas não só de ordenar a vida, mas de fazê-la proliferar. Entretanto a função mortífera, no sentido literal do termo, do estado se ressegura no racismo. O racismo é a possibilidade de seguir, matando em uma sociedade regida pelo biopoder. Não está muito longe do que se está passando no mundo hoje. Temos que refletir que, fundamentalmente, Foucault forja estes conceitos para expor no que as sociedades atuais diferem de outras. A ruptura, que fixa no século XVIII, é manifesta. Foucault vê, no Estado, uma matriz da individualização ou uma nova forma de poder pastoral. É assim que a polícia surge nesse século, “cuida-se” a vida dos indivíduos. E há também a proliferação das instituições de cuidado nas quais deverá haver um pensamento claro: a assistência social, a educação, a medicina, a psicologia. A sociedade disciplinadora se vê na fábrica, no hospital, na escola; seu modelo é o cárcere. O tempo se abre, os lugares se dividem, a disciplina conforma os corpos. Informa-nos com uma forma nova, e que tal forma esteja condenada a aniquilar-se não deve nos surpreender. As sociedades atuais não têm o trabalho como princípio dirigente e, entretanto, tais formas de controle são menos afins à disciplina *in situ*. Elas se abrandaram, aparentemente, e, ao mesmo tempo, se tornaram mais sinuosas: o hospital-dia, o trabalho em casa, a detenção domiciliar, a educação não-presencial não são protótipos de liberdade, mas de outras formas de controle, inclusive, mais duras. Podemos saber onde está cada pessoa em qualquer momento, em que gasta seu dinheiro, do que gosta. A disciplina se faz nos corpos e gera almas pertinentemente disciplinadas. O controle daquilo que queremos pressupõe almas disciplinadas ainda em suas opções contra-sistema, porque o modelo disciplinador se forja para uma sociedade produtiva, produtora de mercadorias; o controle chega a uma sociedade que se apresenta como sociedade de consumo. E o consumo é individual e necessita da aceitação. Indica cada indivíduo. Vendem-se serviços. Compram-se ações. É uma liberdade que existe como pano de fundo.

IHU On-Line- Que desafios se apresentam a quem se dedica a traduzir a obra do Foucault?

Felisa Santos- O maior desafio é que há muitos Foucaults: o barroco e estilista das primeiras obras, o da prosa quase inglesa, linear, das últimas; o que fala com os alunos, muito diferente do dos livros; o que dita conferências em inglês; o das intervenções políticas, que mostra um domínio dos idiomas clássicos, grego e latim. O problema é mais o valorizar o conjunto da obra. Quer dizer, os artigos, as entrevistas têm um peso maior na circulação da obra, porque são considerados “mais claros”. As aulas são um material difícil de manejar: são desgravadas e, no caso dos cursos, com edição do Ewald e com o recurso das notas de trabalho do próprio Foucault. Sempre segue vigente o fato de que Foucault pediu que não houvesse póstumos. Um problema ainda existente é que proliferam as transcrições de termos gregos nos últimos trabalhos: em muitas das versões, se transcreve tal qual a versão francesa, e temos coisas como *phusis*, que é uma aberração, porque é a transcrição francesa de uma palavra grega, *physis*. Outro problema é que o *corpus* que ele trabalha ultimamente, as palavras gregas e romanas, tem traduções, em espanhol, muito distintas das que ele faz. É preciso selecionar as mais confiáveis e, além disso, procurar as que estão de acordo com o pensamento que está sendo exposto. E há alguns dos autores citados que não estão traduzidos para o espanhol, assim é necessário comparar versões inglesas, francesas com as originais, isto é, em relação a estes últimos materiais é preciso fazer uma tradução crítica. A outra questão, talvez a maior, é a necessidade de criar neologismos para certos barbarismos. Ele constrói a noção e a designa, criando palavras novas. E o espanhol não aceita muito bem os neologismos. Além disso, o tradutor não deve esquecer que já há uma espécie de nomenclatura dos conceitos vigentes, porque já existem traduções que assim a estabelecem. Por mais que me pareça imprópria a

tradução da inquietação de si, é o segundo tiro da *História da Sexualidade*, devo usá-la. Esclarecerei, em todo o caso que se trata do *Cuidado de si, la cura sui*, como cuidado, como ocupação e preocupação da gente mesmo e não de uma inquietação entendida como ambição ou um estado de intranqüilidade.

IHU On-Line- Qual é a mensagem que sua vida e obra podem deixar 20 anos depois de sua morte?

Felisa Santos- Deixo falar o próprio Foucault: “Precisamos imaginar e construir o que poderíamos ser para nos desembaraçar desta espécie de “dupla coerção” política que são a individualização e a totalização simultâneas das estruturas do poder moderno. Poder-se-ia dizer, para concluir, que os problemas político, ético, social e filosófico que se expõem a nosso hoje não são os de tentar liberar o indivíduo do Estado e suas instituições, mas os de nos liberar do Estado e do tipo de individualização que com ele se relaciona. Necessitamos promover novas formas de subjetividade, negando o tipo de individualidade que nos foi imposta durante tantos séculos.”⁹ Primeiro, então, a tarefa da filosofia quer dizer o que somos nós hoje, e isso “não consiste em caracterizar simplesmente o que somos, mas, seguindo as linhas de fragilidade de hoje, chegar a captar por onde o que é, como o que é poderia não ser o que é”. Foucault nos chamou a pensar de modo diferente, a pensar como um trabalho, como uma experiência modificadora de nós mesmos. É preciso estar à altura dessa demanda.

IHU On-Line- Algum outro aspecto que queira destacar da obra e vida do filósofo?

Felisa Santos- Primeiro, a vida. A vida de um filósofo não é sempre uma pedra de toque para a filosofia. Nem tem muito sentido expor uma obra a partir de fantasmas fundacionais, como faz Miller em sua biografia, por isso mesmo amarela. Nem tem sentido argumentar *ad hominem* como faz Zizek em *A revolução branda*. A homossexualidade não faz filosofia necessariamente. E a vida de um homem é a vida de um homem. Neste caso, uma ampla geografia que tentou não coagular nunca. Percursos diversos, temas diversos, métodos diversos. A singularidade desse homem construiu isso. Se se alcançou ou não essa estética da existência que tematiza em suas últimas obras, é uma questão de recepção, de o que significa Foucault para nós. Não posso deixar de pensar um Foucault feliz. Na *Salpêtrière*, onde morre, posso pensar em um Foucault feliz, porque, se a morte é a impossibilidade radical de pensar de outra maneira, não é menos certo que esgotou o campo do possível. “Pensar não salva nem faz feliz”, diz Foucault no *Theatrum philosophicum*. Terei que tomá-lo ao pé da letra, porque pensar não é comentar, pensar não é uma obrigação, nem pensamos porque o pensamento nos arrasta, mas temos que atrever-nos, há a espontaneidade em jogo que podemos praticar “a arte de não-servidão voluntária e a indocilidade reflexiva”¹⁰. Então nos propomos, duzentos anos depois, intempestivamente: *sapere audete*. E que nos atrevamos a pensar é todo um esforço, sobretudo quando os pensadores comentam, conversam ou exercem o solilóquio. E, nestas épocas, de pensamento débil, se estranha sua dureza, sua criatividade, seu rigor, sua curiosidade e, inclusive, sua malícia, sua lucidez, sua inteligência.

⁹ - «The Subject and Power» («Le sujet et le pouvoir»; trad. F. Durand-Bogaert), in Dreyfus (H.) et Rabinow (P.), *Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics*, Chicago, The University of Chicago Press, 1982, pp. 208-226. A tradução é minha. (Nota da entrevistada).

¹⁰ - .FOUCAULT, Michel, ¿Qué es la crítica? (Crítica y Aufklärung), *Sobre la ilustración*, Madrid, Tecnos, 2003, p.11. (Nota da entrevistada).

ENTENDER O QUE É PENSAR

Por Felisa Santos

Höher als die Wirklichkeit steht die Möglichkeit
(Além da realidade está a possibilidade)
Heidegger, SZ,38

A verdade é deste mundo.
Foucault

Trata-se de perceber a emergência, em um campo intelectual específico, das duas maneiras de entender o que é pensar. Tomando como pretexto uma disputa filosófica pontual, tentaremos pôr em destaque as diferenças entre dois filósofos que terminaram tendo repercussão em um mesmo campo intelectual muito diferente ao de sua origem, o norte-americano. Falaremos a propósito de Foucault e Derrida. A disputa se dá nos anos 1960, em um momento em que o pensar dos franceses foi assinalado, por um lado, pela tradição do pensamento acadêmico e a fenomenologia que reinava dentro (Merleau-Ponty) e fora (Sartre) da academia - ENS e da Sorbonne - e, por outro lado, pela emergência do que constituiria uma espécie de aposta que, além disso, levava, como divisa, a possibilidade de cientificação das chamadas ciências sociais. A promessa do estruturalismo que tentava “inserir a lógica no coração do real”, era, antes de mais nada, uma oposição à fenomenologia no campo das ciências sociais como uma possibilidade de metodologia idônea.

É nesse marco que Derrida questiona Foucault. Há, em Derrida, uma consciente influência de Husserl e Heidegger, e talvez, como o faz notar Derrida, a influência em Foucault seja Hegel; dir-se-ia que, se traçarmos uma linha que provavelmente possa situar os que chamaremos filósofos da possibilidade e os da existência, *Möglichkeit* vs. *Dasein*, irremediavelmente Derrida fica do lado daqueles a quem Adorno chamou de idealistas. A recusa da metafísica da presença vai junto com a implementação de originários “esvaídos”, necessariamente confusos e indetermináveis. Diremos que, em toda a filosofia do sentido, se vislumbra uma espécie de justificativa do possível como fundamento. A rigor, a interpretação desse possível em termos de determinável pelo pensamento ou pela linguagem ou pela exclusão dessa possibilidade marcaria o forte limite, e um segundo limite seria o traçar a possibilidade do ser na ficção da linguagem como cumprimento, ou dito de outra maneira, que a linguagem da ficção é realizável, porque as possibilidades do dizer se expandem.

A noção de acontecimento deleuziana, a *différence* derridiana, marcariam a tentativa de superação de refletir a presença, mas, não necessariamente, pensar a possibilidade leva a pensá-la em termos de indeterminação - é a diferença entre Deleuze e Derrida.

Diz Derrida: “Todo filósofo, todo sujeito falante (e o filósofo não é mais que o “sujeito falante” por excelência) que tenha que evocar a loucura no “interior” do pensamento (...) só pode fazê-lo na dimensão da “possibilidade” e na linguagem da ficção ou na ficção da linguagem”. Mas é, justamente, na linguagem da ficção que se pode dizer não só da loucura, mas também da “discrepância” entre o dito e sua condição de possibilidade, o excesso, nunca dito e, portanto, objeto inalcançável de uma hermenêutica.

Desde a filosofia com a sua coruja de Minerva até a questão de elucidar o possível, não há o hiato que há do pensar sobre o que é (acontecimentos, documentos, enunciados) e pensar sobre traçados ou borrões que remetem - essa relação prelógica - a algo insaciável, inefável.

Em 4 de março de 1963, Jacques Derrida foi convidado para falar no Colégio de Filosofia. Poderia ter falado sobre qualquer assunto, mas falou desinteressadamente sobre o mestre, sobre Foucault. Derrida falou sobre **A história da loucura**. Foucault o escutou. E Derrida rejeita o mestre, invocando a verdade do mestre de toda a filosofia francesa, e o acusou de haver entendido mal Descartes, mas também, e mais fortemente, de não ser filósofo. Toda a crítica se dá nesses dois níveis: Foucault, em que pese fazer uma leitura "original" de Descartes, não lê bem, e a essa leitura Derrida opõe a mais clássica, a banal. Foucault se equivoca. E se equivoca não no aleatório, no contingente, não no histórico de uma relevância, equivoca-se sem mais no que é, para o Derrida, condição de possibilidade desse discurso: Foucault não entende Descartes. Situação grave: dois filósofos franceses disputam, nos anos 1960, quem sabe a verdade sobre o primeiro mestre de sua disciplina, brigam por uma frase de Descartes: *Sed amentes sunt isti*. É um conflito de interpretações.

Dizer que não são dois homens, mas duas filosofias que são postas em jogo seria elidir uma questão que não deixa de ser importante, são dois homens que querem ocupar o lugar do mestre e o fazem, os dois, remontando-se à correta leitura de um mestre. Mostrar-nos quem pode interpretar corretamente Descartes é a forma de demonstrar quem é o filósofo dos anos 1960. Brigam por Descartes como se para todo o francês filósofo o nome de Descartes fosse o dom ou "antidom" que deve, de algum jeito, superar, recuperar, recusar. A questão do mestre, como detentor da verdade, implica um senhorio que se aceita no outro e, de uma vez, se o mestre for um bom mestre, a possibilidade sempre aberta do discípulo que vai além dele e o transforma de dono da verdade em precursor de um pensamento.

A diferença entre mestre e discípulo é, por um lado, mínima: Derrida tem, quando faz esta conferência 33 anos; Foucault, quatro anos mais; são dois ex-normalistas. Ambos escrevem em *Critique*, a revista do Bataille. A situação dos dois é que, definitivamente, o discípulo rejeita o mestre. E mais, o mestre está ali escutando este sedutor discurso e não faz nem diz nada. Nove anos depois, e na reedição da **História da loucura**, o momento em que em uma resposta dura, afiada, específica Foucault escreve, em um dos dois apêndices anexados ao livro, uma crítica que é uma análise de interpretação derridiana da passagem cartesiana e, ao mesmo tempo, nos mostra o incondicional da via derridiana em um parágrafo mínimo, mas contundente: a maestria do discípulo instaura um poder que, ao aparecer como branda interpretação ou comentário, dissimula a onipotência do senhor do texto subjacente a todo discípulo e a toda possibilidade de dizer. Mas é outro contexto absolutamente, já virou um tipo de análise dos discursos tão distante do derridiano que quer marcar diferenças. Trata-se de explicar por que Derrida, que acaba de publicar em 1971 **Da gramatologia**, pode dizer o que diz: redução das práticas discursivas aos traçados textuais. O quase obscurecimento do mestre em função do texto que lhe permite a soberania sem limite de desdizê-lo. Nada fora do texto, e o mestre, muleta necessária para poder dizer o sentido do texto, que, rabiscado nos signos se desfaz sem o pedagogo fiel que conduza. Derrida o tinha acusado de metafísico, Foucault o vai acusar de exercer uma pedagogia mínima que lhe garante o lugar do poder. O mestre se tornou cristão, se oculta, é lateral, sinuoso, onipresente.

Há aqui duas concepções da linguagem muito outras: Derrida insiste na linguagem como ser de razão de cabo a rabo e, ao mesmo tempo, e em perfeita cumplicidade com a fórmula, com um pensar que se trai na linguagem. Com um pensar que ilumina no instante de dizer e se anula no dito. Pensar é, portanto, evadir-se do dito e também de toda a ligação ao que vai suceder o sempre possível, o sem limites, sem história e sem sujeições, possibilidade, que é sempre onipotente, está mais à frente e funda o que é. Derrida é heideggeriano ou, melhor ainda, segue sendo, em que pese suas críticas ao Husserl, um fenomenólogo conseqüente. Se tivéssemos que responder à pergunta do Rorty com este Derrida, a resposta seria, indubitavelmente, um sim. A filosofia, como a loucura, não tem história, porque história só há dessas traições que são a obra do filósofo, quando, traíndo o pensar, diz ou escreve.

Foucault está preocupado pelos limites da possibilidade de dizer e pela maneira como eles se quebram. Preocupa-se em analisar as coisas ditas, e não o sentido que têm, como diz Husserl, a alma do dito. Trabalho de discente que não pretende encontrar a alma nos cadáveres escritos, mas se revela partidário feliz de uma analítica que desdobra o dito. Marcar com freqüência que nem tudo é possível, que há limite no dizer, históricos e contingentes limites que terá que analisar. Assinalar os limites da decisão é também o primeiro esforço para transgredi-los. E, por outra parte, a linguagem é um ser de razão, de uma razão que tem história, de uma razão que faz falar com o Sade e Artaud, que obriga os doentes, os excluídos a dizer, não claramente, o inefável, mas aquilo que pode ser dito por alguém determinado em um momento determinado. Esta filiação crítica do pensamento foucaultiano é a que queríamos assinalar: se, em algo, Foucault é kantiano não é na polaridade visível - declarável como novas formas do dueto sensibilidade - entendimento, senão no pensar os limites. Foucault não deixou de fazer isso. Ainda que a possibilidade do transgredi-los seja o fim proposto, e não a edificação de um fundamento.

O inefável não é o motor do que se diz, o inefável não é mais que uma posição, que troca, no campo do dizível. E se se trata de fazer a arqueologia de um silêncio o será na linguagem, esta linguagem da época clássica é uma condição de possibilidade mutável e contingente desse silêncio, ou melhor, correspondem-se, sem casualidade, claro, depois de tudo, ser estruturalista tem suas vantagens. A linguagem não subsume nada: nem pensamento nem mundo, mas é, e é um ponto analisável, o sentido é sempre proferido, não se oculta, salvo, que se exerça o comentário, gênero também historicamente determinado, uma quinquilharia pré-crítica.

Ou, para dizê-lo com Foucault: "É por sistema. Sistema do qual Derrida é hoje o representante mais decisivo, em seu último resplendor: redução das práticas discursivas aos traçados textuais, elisão dos acontecimentos que aí se produzem para não conservar mais que marca para uma leitura; invenção de vozes atrás dos textos para não ter que analisar os modos de implicação do sujeito nos discursos; atribuição do originário como dito e não dito no texto para não expor novamente as práticas discursivas no campo de transformações onde se efetuam".

Não direi que é uma metafísica, a metafísica ou sua clausura, que se oculta nesta "textualização" das práticas discursivas. Irei muito mais longe: direi que é uma pedagogia pequena, historicamente bem determinada que de maneira muito visível, se manifesta. Pedagogia que ensina ao aluno que não há nada fora do texto mas que nele, em seus interstícios, em seus espaços em branco e em seus não ditos, reina a reserva da origem; que não é pois necessário ir procurar em outro lugar senão aqui mesmo, não nas palavras como certo, mas sim nas palavras como riscaduras, em sua mentira, diz-se "o sentido do ser".

Pedagogia que inversamente, dá à voz dos mestres essa soberania sem limite que lhe permite repetir indefinidamente o texto.”

Caminho amplamente transitado; hermenêuticas que se abrem passo, com as que não se pode nada porque justamente expõem a todas as possibilidades. Mas *“amentes sunt ille, Nec minùs ipse demens viderer, si quod ab iis exemplum ad me transferrem.”*

[\(Voltar ao índice\)](#)

"FOUCAULT NOS ENSINA A PENSAR"

Entrevista com Eni Orlandi

*Para a professora Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi a contribuição de Michel Foucault nos leva à compreensão das "tecnologias de si" pelas quais os indivíduos "são levados a dar atenção a si mesmos, a se decifrar, a se reconhecer e a se confessar como sujeitos de desejo. Eni Orlandi é professora do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora visitante na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), da França. Eni Orlandi é mestre e doutora em Lingüística pela USP e pós-doutora pela Université de Paris VII, da França. É autora de 18 livros, entre os quais citamos **As Formas do Silêncio**. Campinas: Unicamp, 1992; **Interpretação Nacional**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996; e **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004. Também organizou diversas obras, entre elas **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, 2003.*

IHU On-Line- Que aspecto do pensamento de Foucault tem sido mais estudado pela senhora e qual considera a maior contribuição do filósofo?

Eni Orlandi- O aspecto que tenho estudado mais é o que diz respeito à linguagem e que encontro em obras como a *Ordem do Discurso* e *Arqueologia do Saber*. Mas como, pela linguagem, sou levada a me interessar por questões do poder e da instituição assim como do sujeito, toda a obra de Foucault interessa-me. Penso que sua maior contribuição seja a que diz respeito à relação do pensamento com a ação, a do pensamento e seus objetos.

IHU On-Line- Por que é importante estudar Foucault na lingüística 20 anos depois de sua morte?

Eni Orlandi - É importante estudar Foucault 20 anos depois de sua morte, pois ele nos ensina a pensar. A relevância de tantos seminários, colóquios, entrevistas está em que sua obra se ornou, de algum modo, "clássica", porque descobrimos a todo momento coisas novas e/ou porque nos leva a pensar de outro modo.

IHU On-Line- Que ferramentas o filósofo nos deixou para poder compreender melhor a sociedade?

Eni Orlandi - Deixou-nos ferramentas atinentes à linguagem, ao trabalho e à vida. Esses instrumentos nos colocam em posição de melhor compreender o homem como sujeito que conhece e como objeto de conhecimento. Pela elaboração dos discursos da verdade sobre o sujeito, leva-nos a uma problematização do sujeito. Em seus "Usage des plaisirs" e "Souci de soi" leva-nos à compreensão das "tecnologias de si" pelas quais os indivíduos "são levados a dar atenção a si mesmos, a se decifrar, a se reconhecer e a se confessar como sujeitos de desejo". Que melhores ferramentas temos para pensar o político e o sujeito?

IHU On-Line- Que atualidade têm os conceitos foucaultianos de "disciplina", "controle", "governabilidade" e "biopoder"? Como os identificamos na sociedade contemporânea?

Eni Orlandi - Os conceitos de disciplina, controle e governabilidade são conceitos atuais. Mesmo se, no deslizamento de sentidos a que toda realidade e toda conceituação estão sujeitas, há desenvolvimentos que já nos apontam para novos modos de compreender o que aí se aloja.

IHU On-Line- Que semelhanças poderia apontar entre Foucault e o filósofo recentemente falecido Jacques Derrida?

Eni Orlandi - Não me parece interessante apontar semelhanças entre filósofos. Tenho o sentimento de que, ao fixar pontos de significação para aproximar autores, possamos perder o que neles há de mais próprio. Mas de modo geral, podemos dizer que essa geração (Foucault, Derrida, Guattari, Deleuze etc.) se aproxima do que podemos chamar, de maneira mais ou menos direta, de filosofia da diferença. De modo também geral, penso que os une a reflexão que passa pela fratura do político (relação do pensamento e da ação) e os desenvolvimentos de reflexão que ecoam os sentidos que se seguem ao sujeito, à linguagem e à história nos deslocamentos dessa rede de significações.

[\(Voltar ao índice\)](#)

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

CRISE DE AUTORIDADE

Por Rosiska Darcy de Oliveira

*Reproduzimos, a seguir, um artigo da escritora Rosiska Darcy de Oliveira, publicado no jornal **O Globo**, de 17 de outubro de 2004. Rosiska Darcy de Oliveira, carioca, escritora, jornalista, advogada, conferencista de renome internacional, é consultora do BID para promover a emergência do feminino na cultura. Representou o Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres da OEA e preside o Centro de Liderança da Mulher – CELIM no Rio de Janeiro. Entre seus livros publicados citamos **Elogio da diferença, o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1991 e **Reengenharia do Tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. Sobre este livro conferir uma resenha publicada no **IHU On-Line** n.º 85, do dia 24 de novembro de 2003. Com mais de 30 anos de feminismo, Rosiska Darcy de Oliveira, aponta, em entrevista concedida ao **IHU On-Line**, na 91ª edição, de 8 de março de 2004, que o principal desafio da contemporaneidade é encontrar um equilíbrio entre a vida pública e a privada. O título da entrevista é "Reengenharia do tempo: uma proposta sobre o sentido da vida".*

Em cada esquina se discute a crise da autoridade. Talvez porque ela se mostre, em cada esquina, sem pudor e sem limites.

Há uma demanda crescente de autoridade, entendida como princípio estruturante da convivência entre pessoas que partilham o mesmo espaço e tempo de vida. Quanto mais o cotidiano vai se tornando anômico, maior é o desconforto para todos. As soluções simplistas giram, então, em torno de uma noção de passado, de algo que se perdeu e que se quer recuperar.

O pensamento conservador é nostálgico, vê o mundo pelo retrovisor. E é infeliz, já que rebobinar o tempo é impossível. No dia-a-dia, os conservadores têm que conviver com um mundo que não compreendem, não dominam e sobre o qual tentam agir com instrumentos obsoletos. Para eles se trata de impor, pela força, a obediência. Ora, quando é preciso usar a coerção é porque a autoridade já se perdeu. Quando ela existe, não precisa se impor pelo autoritarismo.

No extremo oposto, um pensamento difícil de classificar, de nebulosa identidade nos tempos que correm, arrepia-se à simples evocação da autoridade, assimilada confusamente a escola retrograda, a pai severo na cabeceira da mesa e ao “manda quem pode e obedece quem tem juízo”. Também esses confundem autoridade com autoritarismo.

É preciso escapar dessa floresta de equívocos e reconhecer a tão necessária autoridade como a produção de consensos que tornam a vida em comum possível. Quando a autoridade não é mais reconhecida em nenhum plano — política, família, escola — cabe perguntar por quê, antes de clamar pelo uso da força, que restabelece momentaneamente a ordem, mas não a autoridade.

O exemplo mais pungente da crise de autoridade se dá na educação. Até recentemente nada mais indiscutível que aos adultos — família e professores — cabia assumir os recém-chegados nessa terra estranha que é a vida e iniciá-los no patrimônio civilizatório construído ao longo de gerações. Na escola, a autoridade do professor provinha do seu posto, de que encarnava a instituição e um pretense saber. Hoje, quando a instituição já não goza de tanto prestígio e o saber mergulha na incerteza ou se fragmenta nos links da internet, o que alimentaria a autoridade dos professores?

Polícia nas escolas, como se propõe hoje na França, não é manifestação de autoridade, mas de desespero. A autoridade do professor só se estabelece pela transmissão de um saber reconhecido como pertinente, capaz de estimular nos alunos um sentimento de pertencimento tanto ao passado quanto ao futuro, introduzindo-os a dimensões que ultrapassem o imediatismo do presente.

Memória e projeto remetem os jovens para além de si mesmos, para além do individualismo que, exacerbado, nega qualquer pertencimento e, portanto, qualquer autoridade.

Quanto à família, são tantas hoje suas versões e possíveis enredamentos afetivos, que o lugar de cada um nessa rede se torna móvel e impreciso. Se antes pais não reconheciam os filhos, hoje mais facilmente os filhos não reconhecem os pais, negando-lhes a posição de autoridade que a tradição garantia. As famílias não voltarão a ser como antes, quando mulher e filhos submetiam-se à lei do pai.

Como, então, construir uma autoridade familiar que não se justifique somente pela tradição, que já não é respeitada, nem se apóie na repressão, que é cada vez menos temida? A autoridade dos pais já não é um dado natural e será, cada vez mais, uma construção biográfica, legitimada pelo sentido que tenham as relações afetivas de acolhimento, confiança e proteção. São essas relações fortes que constroem a família, e não a família que constrói as relações.

A perda de autoridade na política se traduz no crescente desrespeito às normas da *polis*: da desordem no trânsito à incivilidade nas ruas, da agressão ao homicídio. Essa derrocada se agrava com a perda de autoridade dos políticos. Sem compromisso com uma trajetória, perdem a identidade em alianças tragicômicas, buscam a satisfação imediata do poder a qualquer preço. Sem passado, com um presente desfigurado, sem convicção alguma sobre o futuro, esses vendedores de sonhos em que não acreditam e que ninguém mais compra, salvo preciosas exceções, são apenas indivíduos se acotovelando em torno à carniça de algum poder. Não têm mais autoridade alguma.

A crise de autoridade põe em risco as conquistas que, nas democracias contemporâneas, questionaram o autoritarismo na família, na escola e na política. Essas conquistas pelas quais tanto se lutou não se manterão se forem confundidas com anomia, falta de sentido, ausência de limites.

Marx dizia que só são colocadas as questões que podem ser resolvidas. Talvez tenha se enganado. É justamente quando as idéias disponíveis se mostram inoperantes que alguma coisa nova deve surgir. Se assim não for, em breve não se falará de crise de autoridade, mas se sacudirá o espantinho do caos social. E aí haverá o risco assustador de regressão autoritária.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Análise de Conjuntura

ANOREXIA HISTÓRICA

Por Cristovam Buarque

*O artigo que segue, de autoria do senador Cristovam Buarque, foi publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 11 de outubro de 2004. Cristovam Buarque, doutor em Economia, é senador pelo PT-DF. Foi reitor da UnB (1985-89), governador do Distrito Federal (1995-98) e ministro da Educação (2003-04). Entrevistamos Cristovam Buarque em duas ocasiões. Uma foi sobre o papel da Universidade, publicada na 90ª edição do **IHU On-Line**, de 1º de março de 2004, e outra sobre Leonel Brizola, na 107ª edição do **IHU On-Line**, de 28 de junho de 2004. Também reproduzimos o artigo "As três pobreza da universidade", na 110ª edição, de 9 de agosto de 2004.*

Alguns países temem adotar medidas que os transformem em nações fortes no cenário mundial. O Brasil é um deles. Durante quatro séculos tememos abolir a escravidão e proclamar a República, em função dos interesses de poucos fazendeiros que dominavam a cena e temiam a falta da mão-de-obra cativa e um presidente escolhido pelo povo. Perdemos a chance de educar os escravos, de incentivar o seu trabalho, e assim tornamo-nos um país anoréxico. Quando finalmente decidimos absorver a energia de uma massa trabalhadora livre em um regime republicano, fizemo-lo timidamente. Os presidentes passaram a ser eleitos, mas agiam como imperadores escolhidos pela corte; os trabalhadores continuaram sem educação e com ridículos salários, com sindicatos pelegos ou proibidos e partidos diferentes apenas nas siglas. Por 115 anos, mantivemos nossa abolição e nossa República incompletas.

Apesar dos avanços na economia, que transformou um país rural e agrícola em urbano e industrial, o Brasil continuou anoréxico na sua estrutura de nação: com uma vergonhosa concentração de renda, sem educar o povo, com um mercado interno muito menor do que sua população, sem democracia, com crianças fora da escola, uma moeda debilitada e um setor produtivo dependente de protecionismo. Nos últimos dez anos avançamos na consolidação da democracia, da estabilidade monetária, da concorrência internacional.

E pouca coisa mais

Em 2002 o Brasil deu uma virada e elegeu um presidente vindo das camadas excluídas, que não pagou os pedágios cobrados pela "corte" -diploma, enriquecimento, partido conservador. O

novo presidente chega ao segundo ano de governo com um país que alcança pela primeira vez, desde 1930, crescimento econômico com estabilidade monetária e democracia.

Mas os dois anos de governo novo não apontam para a cura dessa anorexia histórica. Os avanços mantêm a mesma tendência do passado, com a consolidação e a reorganização de projetos importados dos últimos 20 anos de democracia. Um avanço tão lento quanto na época da abolição, entre a proibição do tráfico e a Lei Áurea. O presidente Lula precisa romper o ciclo de anorexia histórica e usar as energias de que o país dispõe para fazer um choque social, mudando o rumo de nossa história.

Os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE (PNAD) mostram que o Brasil avança lentamente na área social, especialmente na educação, e ainda comemora essas pequenas melhorias. Não há o que comemorar, e sim desculpas a pedir, se o número de crianças trabalhadoras caiu para 1,5 milhão, e a taxa de analfabetismo baixou para 13%. Esse é o comportamento de um país de jovens anoréxicos, comemorando quando os filhos aceitam algumas colheres de mel.

Lula já entrou para a história por ter dado continuidade às coisas boas feitas no passado, mas perde a chance de mudar a história do Brasil. É um presidente da administração, não o presidente da mudança. E para isso bastaria tão pouco. Na educação, dez medidas transformariam o Brasil e construiriam, em 15 ou 20 anos, uma nação forte:

- 1) criação de vagas na escola mais próxima de casa para todas as crianças de quatro anos de idade;
- 2) obrigatoriedade do ensino médio;
- 3) reforma do programa bolsa-família, devolvendo-lhe o conceito de bolsa-escola, com remuneração mínima de um salário mínimo;
- 4) federalização da educação básica, com a adoção de um piso salarial para todos os professores brasileiros que se submetessem a cursos de formação e a um exame para a obtenção de certificação federal;
- 5) continuação do Programa Brasil Alfabetizado, com a meta de abolir o analfabetismo em quatro anos;
- 6) definição clara dos instrumentos para abolir o trabalho e a prostituição infantis em no máximo quatro anos;
- 7) aprovação de uma lei de responsabilidade educacional, a ser aplicada com o mesmo rigor da Lei de Responsabilidade Fiscal;
- 8) implantação gradual do horário integral em todas as escolas;
- 9) reforma de todas as escolas brasileiras e compra de equipamentos modernos;
- 10) envolvimento da universidade brasileira na formação de professores do ensino básico.

Tudo isso foi iniciado no primeiro ano do governo Lula, mas paralisado ou reduzido. Pelo vício de ver o Brasil pela ótica do crescimento econômico, mantendo a deformação que a PNAD mostra. Por anorexia histórica e medo de usar recursos de que o Brasil dispõe para se fazer realmente forte.

O Brasil precisa perceber a chance que tem nas mãos, com um presidente eleito porque venceu o medo, embora o governo não avance na redefinição dos rumos nacionais. É como se, ao eleger o Lula, o eleitor tivesse avisado que queria mudar, mas nós, no governo, tivéssemos retomado o medo histórico de um país com anorexia.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Memória

JACQUES DERRIDA

IHU On-Line faz, a seguir, a memória de Jacques Derrida, importante filósofo falecido no último dia 9 de outubro. Para tanto, traduzimos e reproduzimos uma série de artigos e entrevistas que tratam de Derrida. O primeiro artigo, escrito por Jürgen Habermas, é a última homenagem do pensador alemão ao filósofo falecido, e foi publicado no jornal **Libération**, no dia 13 de outubro de 2004.

PRESENÇA DE DERRIDA

Por Jürgen Habermas

Não houve outro como Derrida. Tal como Foucault, ele forjou o espírito de toda uma geração, sobre a qual ele exerce influência até hoje. Mas, diversamente de Foucault, e embora ele tenha sido igualmente um pensador político, a contribuição de Derrida aos que o seguiram foi a de ajudá-los a canalizar os seus impulsos nas trilhas de um exercício que não implica, de saída, num conteúdo doutrinal, nem mesmo na criação de um vocabulário produtor de um novo olhar sobre o mundo. Certamente, há também tudo isso, mas o exercício proposto por Derrida é inicialmente um fim em si mesmo: imergir na leitura micrológica dos textos e aí pôr em dia os traços que resistiram ao tempo. Como a dialética negativa de Adorno¹¹, a desconstrução de Derrida é também, antes de tudo, uma prática.

Eram numerosos os que tinham conhecimento de sua doença, contra a qual Jacques Derrida combateu obstinadamente. A morte não o pegou, pois desprevenido. Ela chegou, no entanto, como um acontecimento repentino, precipitado, que nos tirou brutalmente aquilo que nos anima na banalidade usual do cotidiano. Sem dúvida, o pensador sobreviverá nos seus textos, ele que dispensou toda a sua energia intelectual na leitura incessante dos grandes textos e que celebrou o primado do escrito transmissível sobre a presença da palavra. Mas, nós sabemos agora que o que nos faltará é a voz de Derrida, a presença de Derrida.

O leitor de Jacques Derrida encontra um autor lendo os textos ao inverso, até que eles liberem um sentido subversivo. Sob seu olhar inflexível, todo contexto se desfaz em fragmentos; o solo que se supunha estável torna-se movediço, o que se supunha pleno desvela seu duplo fundo. As hierarquias, os agenciamentos e as oposições habituais nos liberam um sentido às avessas daquilo que nos é familiar. Nós não somos deste mundo: nós somos estrangeiros entre os estrangeiros. E, finalmente, uma mensagem religiosa que realmente não é mais cifrada.

É raro, que os textos pareçam desvelar aos leitores anônimos a fisionomia de seus autores de maneira tão nítida. No entanto, Derrida pertence, na realidade, aos autores que pegam desprevenidos os seus leitores, quando eles os encontram pessoalmente. Ele não era aquilo que se esperava. Ele era uma pessoa de uma amabilidade pouco comum, elegante, certamente

¹¹ Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969) foi um dos mais importantes intelectuais alemães do século XX. Sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, ele definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico, "Dialética do Iluminismo", escrito junto com Max Horkheimer, seu inseparável parceiro e primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt (Nota do *IHU On-Line*).

vulnerável e sensível, mas sabendo estar à vontade e que, quando ele concedia sua confiança, se abria com simpatia; era uma pessoa amigável, disposta à amizade. Eu tive precisamente esta alegria, quando nós nos revimos há seis anos, aqui, nos arredores de Chicago, em Evanston, de onde eu lhe envio esta última homenagem e que ele me conceda sua confiança. Derrida jamais encontrou Adorno. Mas, quando ele recebeu o prêmio Adorno da cidade de Frankfurt, pronunciou, na Pauluskirche, um discurso de recepção que, do gesto do pensamento ao íntimo dos temas oníricos próprios do romantismo, não podia ter mais afinidades com o próprio espírito de Adorno. As raízes judaicas são, sem dúvida, o elemento, pelo qual os seus pensamentos se assemelham. Scholem¹² permaneceu sendo um desafio para Adorno, Lévinas¹³ tornou-se um mestre para Derrida. A obra de Derrida pode, sob este aspecto, ter, na Alemanha, igualmente uma virtude esclarecedora; se ele se apropriou, com efeito, dos temas do último Heidegger, pelo menos ele o fez sem sucumbir ao neopaganismo e sem trair as fontes mosaicas.

MORRE O FILÓSOFO JACQUES DERRIDA

*A seguir, reproduzimos a matéria que noticiou o falecimento de Jacques Derrida, publicada no jornal **Le Monde**, no dia da sua morte, 9 de outubro de 2004.*

Jacques Derrida era o filósofo francês mais conhecido no exterior, notadamente nos Estados Unidos, por seu conceito de “desconstrução”. O filósofo francês mais comentado e mais traduzido no mundo nestes últimos anos, notadamente nos Estados Unidos. Jacques Derrida, falecido na madrugada de sábado, na idade de 74 anos, era célebre por seu conceito de “desconstrução”.

Segundo as pessoas mais chegadas, Jacques Derrida, autor de umas 80 obras, faleceu “sem sofrer” de câncer no pâncreas, num hospital parisiense, onde ele tinha sido internado há umas três semanas.

Ele era o último sobrevivente dos pensadores dos anos 1960, conhecidos como “pensadores de 68” (Althusser, Lacan, Foucault, Barthes, Deleuze, etc.), grandes defensores da noção de “sujeito”.

Nascido aos 15 de julho de 1930, em El Biar (Argélia), numa família judaica, mais de esquerda e de descendência negra, ele entrou, em 1950, na Escola Normal Superior, tornou-se assistente em Harvard (EE.UU), depois na Sorbonne. Em 1965, ele foi admitido como professor de Filosofia na Escola Normal Superior, onde ele ocupou a função de “caiman” (diretor de estudos). Em seguida, ele ministra aulas em Paris e diversas universidades americanas, entre as mais prestigiosas.

Em 1982, ele foi preso na Tchecoslováquia por alguns dias, quando ele estava defendendo os intelectuais dissidentes da Carta 77.

¹² **Gershom Scholem** (1897 - 1982) foi pesquisador da mística judaica e se estabeleceu no estudo da Cabala em Jerusalém. É autor de *Die jüdische Mystik in ihren Hauptströmungen* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000); e *Zur Kabbala und ihrer Symbolik* (Frankfurt am Main: Suhrkamp 1998) (Nota do *IHU On-Line*).

¹³ Emmanuel Levinas, filósofo e comentador talmúdico, nasceu em 1906, na Lituânia e faleceu em 1995, na França. Desde 1930 era naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger cuja obra **Ser e tempo**, de 1927, o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza o pensamento de Levinas. Ele é autor do livro que o consagrou **Totalité et infini. Essai sur l'extériorité** que foi traduzido para o português com o título **Totalidade e Infinito**, Lisboa: Edições 70, 2000. No Brasil a Editora Perspectiva, publicou **Quatro leituras talmúdicas**, em 2003 e a Editora Vozes, **De Deus que vem a idéia**, em 2002. (Nota do *IHU On-Line*).

O forjador da “desconstrução”

Ele assumiu, então, uma profunda reflexão crítica sobre a filosofia e o ensino desta matéria, criando em 1983 o Colégio Internacional de Filosofia, que ele presidiu até 1985. Em 1988, ele dirigiu, com Jacques Bouveresse, a Comissão de Filosofia, que examinou os conteúdos do ensino de Filosofia, por iniciativa do Ministério da Educação.

A seguir, ele ensinou novamente nos Estados Unidos e depois na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris.

“Eu não passei longas temporadas nos Estados Unidos; não passo lá o período mais proveitoso de meu tempo. Dito isso, lá a recepção de meu trabalho tem sido, efetivamente, mais generosa, mais atenta; lá eu encontrei menos censura, menos barreiras e menos conflitos do que na França”, declarou ele recentemente ao jornal *L’Humanité*.

Entre seus numerosíssimos livros, que constituem um diálogo sem concessão com a metafísica ocidental, estão ***L’écriture et la différence, La dissémination, Marges de la philosophie, Glas, La vérité em peinture, Pour Paul Célan, De l’esprit, Heidegger et la question, Invention de l’autre, Du droit à la philosophie, Spectres de Marx, Apories ou Résistances de la psychanalyse.***

Jacques Derrida, que possuía uma bela cabeleira branca, propõe, com textos filosóficos clássicos, uma “desconstrução”, uma crítica dos pressupostos da palavra, uma forma de desfazer, do interior, um sistema de pensamento dominante.

“A ‘desconstrução’ é tomar uma idéia, uma instituição ou um valor e compreender seus mecanismos, retirando o cimento que os constitui. Além desta expressão, que pode intrigar ou fazer fugir, ele é um filósofo que pode ajudar na compreensão da sociedade”, resumia Franz-Olivier, recebendo-o em 2002, na televisão, um grande acontecimento para esta figura reservada, mas aberta aos outros, pouco familiar da pequena tela e que por longo tempo recusou toda e qualquer foto.

Jacques Derrida foi membro do Comitê de Manutenção de Lionel Jospin em 1995. Avô, casado com uma psicanalista, ele teve um filho com Sylviane Agacinski, a esposa de M. Jospin.

Ele não votou aos 21 de abril de 2001, em sinal de *“mau-humor contra todos os candidatos”*. *“Se, durante muito tempo, meus textos foram considerados como politicamente neutros – quando minhas posições de esquerda eram conhecidas – é porque, atento desde sempre à política, eu não me reconhecia (...) nos códigos políticos dominantes”,* disse ele no início de 2004.

JACQUES DERRIDA: "UMA NOVA POLÍTICA ALTERMUNDIALISTA É A ÚNICA SAÍDA"

*Reproduzimos, a seguir, trechos da entrevista realizada com Jacques Derrida, publicada no jornal **Le Monde** em 18 de agosto de 2004 e novamente veiculada pelo jornal no último dia 9 de outubro, dia do falecimento do filósofo. A íntegra da entrevista será publicada num dos próximos **Multitextos** do IHU.*

Em geral, você não gosta de dizer “nós” – “nós, os filósofos”, ou “nós, os judeus”, por exemplo. Mas, à medida que se desencadeia a nova desordem mundial, você parece cada vez menos reticente em dizer “nós, os europeus”. Já, em *L’Autre Cap* (Galilée, 1991), livro escrito no momento da primeira guerra do Golfo, você se apresenta como um “velho europeu”, como “uma espécie de mestiço europeu”.

Duas considerações: com efeito, me sinto mal em dizer “nós”, mas o digo, apesar de todos os problemas que me torturam a este respeito, a começar pela política desastrosa e suicida de Israel – e de um certo sionismo (pois Israel não representa mais, ao meu ver, o judaísmo, como

ele não representa a diáspora, nem mesmo o sionismo mundial ou originário, que foi múltiplo e contraditório; há, além disso, também os fundamentalistas cristãos que se dizem sionistas autênticos nos EUA. O poder de seu *lobby* conta mais do que a comunidade judaica americana, sem falar da saudita, na orientação conjunta da política americano-israelense) -, e, embora tudo isso e tantos outros problemas que eu tenho com minha "judeidade", eu "não" a denegarei "jamais". Eu direi sempre, em certas situações, "nós, os judeus". Este "nós" tão atormentado está no coração do que há de mais inquieto em meu pensamento, o daquele que eu apelidei sorrindo forçadamente "o último dos judeus". Ele seria, em meu pensamento, o que Aristóteles diz profundamente da prece (*eukhè*): ele não é nem verdadeiro, nem falso. Ele é, aliás, literalmente, uma prece. Em certas situações, pois, eu não hesitaria em dizer "nós, os judeus", e também "nós, os franceses". Em seguida, desde o início de meu trabalho, e isso seria a "desconstrução" mesma, eu permaneci extremamente crítico em face do eurocentrismo, na modernidade de suas formulações, em Valéry, Husserl ou Heidegger, por exemplo. A desconstrução em geral é um empreendimento que muitos consideraram, com justo título, como um gesto de desconfiança em face de todo eurocentrismo. Quando me ocorre, nestes tempos, de dizer "nós, os europeus", isso é conjuntural e muito diferente: tudo o que pode ser desconstruído da tradição européia não impede que, justamente por causa do que se passou na Europa, por causa das Luzes, por causa do encolhimento deste pequeno continente e da enorme culpabilidade que transmite, atualmente, sua cultura (totalitarismo, nazismo, genocídios, Shoah, colonização e descolonização, etc.), na situação geopolítica que é a nossa, a Europa, uma outra Europa, mas com a mesma memória, poderia (é em todo o caso o meu voto) se reunir, ao mesmo tempo, contra a política de hegemonia americana (relatório Wolfowitz, Cheney, Rumsfeld, etc.) e contra um teocratismo árabe-islâmico sem Luzes e sem futuro político (mas não negligenciamos as contradições e as heterogeneidades desses dois conjuntos e aliemo-nos com os que resistem no interior destes dois blocos). A Europa encontra-se sem a injunção de assumir uma responsabilidade nova. Eu não falo da comunidade européia tal como ela existe em sua maioria atual (neoliberal) e virtualmente ameaçada por tantas guerras internas, mas de uma Europa por vir, e que se procura na Europa ("geográfica") e alhures. O que se nomeia algebricamente "a Europa" tem responsabilidades a assumir, para o futuro da humanidade, para o do direito internacional – é esta a minha fé, a minha crença. E aí, eu não hesitaria em dizer "nós, os europeus". Não se trata de desejar a constituição de uma Europa que seria uma outra superpotência militar, protegendo o seu mercado e fazendo contrapeso aos outros blocos, mas de uma Europa que viria semear o grão de uma nova política altermundialista, a qual é para mim a única saída possível. Esta força está em marcha. Mesmo se os seus motivos são ainda confusos, eu penso que nada mais a deterá. Quando eu digo a Europa, é isto: uma Europa altermundialista, transformando o conceito e as práticas da soberania e do direito internacional. E dispondo de uma verdadeira força armada, independente da OTAN e dos EUA, uma potência militar que, nem ofensiva, nem defensiva, nem preventiva, interviria sem tardar a serviço das resoluções enfim respeitadas de uma nova ONU (por exemplo, com toda a urgência, em Israel, mas também alhures). É também o lugar após o qual se pode pensar melhor certas figuras da laicidade, por exemplo, ou da justiça social, outras tantas heranças européias. (Eu acabo de dizer "laicidade". Permitam-me aqui um longo parêntesis. Ele não diz respeito ao véu da escola, mas ao véu do "matrimônio". Eu sustentei de meu punho, sem hesitar, a iniciativa bem-vinda e corajosa de Noel Mamière, mesmo se o casamento entre homossexuais constitui um exemplo desta bela tradição que os americanos inauguraram no século passado sob o nome de *civil disobedience*: não um desafio à Lei, mas desobediência a uma disposição legislativa em nome de uma lei melhor – por vir ou já inscrita no espírito ou na letra da Constituição. Pois bem, eu "assinei" neste contexto legislativo atual,

porque ele me parece injusto – para os direitos dos homossexuais -, hipócrita e equívoco em seu espírito e em sua letra. Se eu fosse legislador, eu proporia simplesmente o desaparecimento da palavra e do conceito de “matrimônio” num código civil e laico. O “matrimônio”, valor religioso, sacral, heterossexual – com voto de procriação, de fidelidade eterna, etc. -, é uma concessão do Estado laico à Igreja cristã – em particular no seu monogamismo que não é nem judeu (ele não foi imposto aos judeus pelos europeus senão no século passado e não constituía uma obrigação há algumas gerações no Maghreb judeu), nem, não se sabe bem, muçulmano. Suprimindo a palavra e o conceito de “matrimônio”, este equívoco ou esta hipocrisia religiosa e sacral, que não tem lugar numa constituição laica, ele seria substituído por uma “união civil” contratual, uma espécie de pacto generalizado, melhorado, refinado, sóbrio e ajustado entre os parceiros de sexo ou de número não imposto. Quanto aos que querem, em sentido estrito, ligar-se pelo “matrimônio” – pelo qual meu respeito é, aliás, intacto -, eles poderiam fazê-lo ante a autoridade religiosa de sua escolha – é aliás assim em outros países que aceitam consagrar religiosamente casamentos entre homossexuais. Alguns poderiam unir-se segundo um modo ou outro, alguns pelos dois modos, outros, nem unir-se pela lei laica, nem segundo a lei religiosa. Fim do parêntesis conjugal. (Trata-se de uma utopia, mas eu a assumo.)

O que eu chamo de “desconstrução”, mesmo quando ela é dirigida contra alguma coisa da Europa, isso é europeu, é um produto, uma relação por si da Europa como experiência da alteridade radical. Após a época das Luzes, a Europa se autocritica permanentemente, e, nesta herança perfectível, há uma chance de futuro. Eu, pelo menos, gostaria de esperá-lo, e é o que nutre minha indignação diante dos discursos que condenam a Europa definitivamente, como se ela não fosse senão o lugar de seus crimes.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Deu nos jornais

Trabalho: Mais horas extras, mais desemprego

65% dos acidentes acontecem durante as duas primeiras horas extras. A produtividade nas horas extras é bem mais baixa, encarecem a produção, além do fato que a produtividade nesse período é bem mais baixa. A constatação é feita por Jan Wiegerinck em artigo para o **Jornal do Brasil**, 5-10-04. O autor afirma que horas-extras “são extremamente prejudiciais não somente às empresas, como também aos trabalhadores”. Pior ainda, o trabalhador, afirma Jan Wiegerinck, “não vê que é este sistema que colabora para o desemprego do outro trabalhador, que pode ser seu vizinho, seu colega e até mesmo seu próprio filho”. Para o autor, “uma alternativa é o uso de mais trabalhadores por meio do regime de trabalho temporário. Mecanismo já previsto na nossa legislação, mas ainda pouco usado. Com isto, os trabalhadores permanentes não são prejudicados por acidentes de trabalho e protegem sua saúde e vida familiar. E as empresas cumprem os seus programas de atendimento em condições ideais de concorrência, pois não terão o aumento de mais de 100% do custo de mão-de-obra sobre o preço da unidade produzida”. E argumenta: “Vamos colocar isso na ponta do lápis. De acordo com a legislação, cada trabalhador só pode fazer, no máximo, duas horas extras ao dia. Se ele tem um salário de R\$ 500,00 e faz duas horas extras ao dia, no final do mês seu salário chegará a R\$ 680,00. Se a empresa contrata um temporário, que pode trabalhar até 44 horas semanais e paga R\$ 500 mensais, a empresa pode eliminar as horas extras de quatro funcionários, reduz seus gastos de R\$ 720 (horas extras de 4 trabalhadores) para R\$ 500. Sem

falar no ganho em produtividade e redução de acidentes já que o temporário não está desgastado como o efetivo que já trabalhou 8 horas naquele dia”. Conclui: “O trabalhador desempregado, por sua vez, conta com a oportunidade de voltar ao mercado de trabalho, desenvolver seus conhecimentos e até se tornar efetivo. Ou seja: a empregabilidade, mesmo que temporária, vale muito mais do que o desemprego permanente”.

A agenda liberal do PT. Por quê?

“O Brasil não tem um partido de tradição liberal, aliás o país não tem uma cultura liberal. E, no entanto, a agenda do PT é liberal. Não se vê nas suas propostas coisas como radicalizar a reforma agrária, aumentar o seguro-desemprego, aumentar as tarifas de importação, recomprar ações da Petrobrás, rever as privatizações, renegociar as dívidas pública e externa, mandar o FMI para casa”. A análise é de Edward Amadeo, economista, ex-ministro do Trabalho e sócio da Tendências Consultoria Integrada em artigo publicado dia 6-10-04, no jornal **Valor Econômico**. Segundo o economista, “a agenda para valer, aquela que mobiliza o presidente e seus principais ministros é liberal”. E explica o que se entende por liberal: “Por liberal entenda-se uma agenda que reduz o escopo do setor público e oferece às empresas privadas um ambiente mais propício para ter lucros, empregar e pagar impostos”. E pergunta: “Como é possível que em um país sem elites liberais, sem tradição liberal, sem um partido liberal, um partido de esquerda adote uma agenda liberal?” E responde: “O fato é que nenhum economista de esquerda propôs uma agenda econômica articulada e diferente da adotada, nem repetiu depois da campanha eleitoral que o governo deveria repudiar as dívidas pública e externa, rever as privatizações etc., e mostrando os benefícios dessas propostas”. E conclui: “Tudo indica que o PT tenha sido persuadido a favor da agenda liberal porque era a que estava mais articulada, porque tinha muito a perder com as alternativas e porque tinha apoio social e político para levá-la a cabo”.

O comunismo e a providência

“O comunismo foi um mal necessário”, escreve João Paulo II no livro **Memória e identidade** cuja publicação foi anunciada dia 6 de outubro, na Feira do Livro de Frankfurt. Segundo o porta-voz do Vaticano, Joaquin Navarro-Valls, o livro é uma obra de filosofia da história na qual o Papa busca “colher o sentido mais profundo”. Para o Papa, “em certas situações concretas da existência humana, o mal se revela, em certa medida, útil enquanto cria ocasiões para o bem”. Nesta passagem do livro se manifesta a doutrina providencial da história, segundo a qual do mal se origina o bem e os eventos humanos adquirem, desta maneira, sentido. O comunismo é, no final das contas, uma verdadeira e própria encarnação do maligno, mas como no Fausto de Goethe - recorda João Paulo II - o diabo mesmo querendo “sempre o mal”, cumpre “sempre o bem”. Palavras significativas, comenta o jornal italiano **Il Manifesto** de 7-10-04, quando se leva em conta que são pronunciadas por um Papa que, segundo os históricos, já tem um lugar na história e contribuiu de modo determinante na queda do império soviético.

Brasil que disse não

Feitas as contas, cidade por cidade, mais de um quarto do eleitorado brasileiro preferiu ficar de fora destas eleições, segundo os cálculos do jornalista Ancelmo Góis publicados no jornal **O Globo**, 8-10-04. Em São Paulo, a soma das abstenções com votos nulos e brancos chega a 20,64% do eleitorado (são dois Malufs!). No Rio, foram 21,83% (um Crivella!). Em BH, 24,17%. Em Porto Alegre, 19,63%. Em Salvador, 23,96%.

Cena brasileira I

O *free shop* do Aeroporto de Guarulhos pôs à venda em suas prateleiras o escocês Glenfiddich Rare Collection 1937, um dos uísques mais caros do mundo. Atenção para o preço: 18.200 dólares. A notícia está publicada na revista **Veja**, da semana passada, com a data de 13-10-04. Segundo a revista, com esse dinheiro se poderia comprar, por exemplo, um Pajero ou um Citroën Picasso zero-quilômetro. Foram produzidas apenas 61 garrafas do precioso líquido - e sete vieram para o Brasil.

Mais de 47 milhões na miséria

A miséria aumentou no primeiro ano do governo Lula. Cálculo inédito do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV) mostra que a parcela da população que não ganha o suficiente para comer passou de 26,23% em 2002 para 27,26% no ano passado. Significa dizer que 47,4 milhões de brasileiros não têm dinheiro para comprar a cesta de alimentos que lhes garanta o consumo diário de 2.888 calorias, nível recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A notícia foi publicada dia 14-10-04, no **jornal O Globo**. Segundo o jornal, dos economistas dedicados à área social, Marcelo Neri, chefe do CPS-FGV, foi o primeiro a calcular a proporção de indigentes com base nos dados da recém-divulgada Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad-2003), do IBGE. Ele estimou que, no ano passado, a quantia mínima para suprir as necessidades alimentares dos brasileiros era de R\$ 108 mensais por habitante. Em 2002, eram R\$ 93.

Universidades têm mais vagas que candidatos

O número de universitários no país cresceu 11,7% em 2003, índice mais baixo do que o registrado nos três anos anteriores. Pela primeira vez, no entanto, a quantidade de vagas oferecidas em vestibular e outros processos seletivos superou o total de estudantes que terminaram o ensino médio no ano anterior. É o que mostra o Censo da Educação Superior 2003, divulgado dia 13 de outubro pelo Ministério da Educação (MEC). A notícia está publicada no jornal **O Globo** de 14-10-04. Segundo o Censo 2003, foram oferecidas no vestibular e por outros mecanismos de seleção pelas 1.859 instituições de ensino superior 2.002.683 vagas, um acréscimo de 12,9% em relação ao ano anterior. Esse número foi maior que o total de concluintes do ensino médio em 2002 (1.884.874). Ou seja, havia vaga para todos e até vagas ociosas. Não se pode desconsiderar, no entanto, o contingente de vestibulandos que concluíram o ensino médio em anos anteriores. Cerca de cem mil estudantes tinham idade acima de 40 anos.

Vagas ociosas nas universidades privadas. Um escândalo

As instituições de ensino superior privadas amargaram uma taxa de ociosidade de 42,2% das vagas oferecidas no ano passado, revela o Censo da Educação Superior 2003, divulgado dia 13 de outubro pelo Ministério da Educação (MEC). Em 2002, esse índice havia ficado em 37,4%, o que significa que ocorreu um aumento de quase cinco pontos percentuais na taxa de vagas não preenchidas. A notícia está publicada dia 14-10-04, no jornal **O Globo**. Para o ministro Tarso Genro, “esse percentual de vagas ociosas nas universidades privadas é um escândalo. Temos milhões e milhões de jovens querendo entrar nas universidades e que não conseguem. São 40% de vagas ociosas que devem ser disponibilizadas para a população com um sistema de bolsas, com negociação, enfim, com políticas que abram espaços gratuitos para os jovens que não têm recursos para pagar”. O programa Universidade para Todos, lançado pelo governo por medida provisória, em setembro, e com início previsto para o ano que vem,

vai justamente oferecer bolsas integrais ou de 50% do valor da mensalidade a estudantes pobres em instituições particulares.

Cena brasileira II

Ancelmo Gois, na sua coluna publicada no jornal **O Globo**, 14-10-04, comenta: “A coluna já não gosta de Halloween. Acha que é imitação tola de festa de estrangeiro. Agora, Halloween para cachorro... francamente! Pois, dia 31, vai ter um no Parque do Totó, na Barra. Até concurso de fantasia vai haver. Isso é macaquice. Com todo o respeito - aos cachorros, claro, não aos organizadores”.

17 de outubro: Jornada Mundial da Recusa da Miséria

“Onde os homens estão condenados a viver na miséria, aí os Direitos Humanos são violados. Unir-se para os fazer respeitar é um dever sagrado”. Foi esta a palavra de ordem da Jornada Mundial da Recusa da Miséria celebrada no dia 17 de outubro promovida Associação Quarto Mundo. Desde o dia 22 de dezembro de 1992, o dia 17 de outubro é proclamado na Jornada Internacional para a Eliminação da Pobreza pela Assembléia Geral das Nações Unidas. A partir daí as iniciativas para celebrar esta Jornada não cessaram de se multiplicar. Para mais informações sobre a Jornada confira o sítio www.oct17.org.

Lula autoriza soja transgênica para 2004/2005

Depois de muita discussão dentro do governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva decidiu dia 14 de outubro assinar a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica na safra 2004/2005. A decisão de Lula foi anunciada pelo vice-líder do governo na Câmara, Beto Albuquerque (PSB-RS), que conversou com o presidente sobre o assunto. A MP foi publicada no *Diário Oficial* de 15 de outubro e, no início do dia 14, técnicos do governo ainda discutiam detalhes do texto. A notícia foi publicada no jornal **O Globo**, de 15-10-04. Lula ainda precisou contornar as resistências da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, que era contra a edição de uma nova MP sobre o assunto. Marina se reuniu no final do dia com o presidente para, mais uma vez, deixar clara sua posição. A ministra tem ido ao Palácio do Planalto tratar do assunto praticamente todos os dias desde a semana retrasada.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Frases da semana

Reeleição de Lula

“Mantidas as atuais condições de temperatura e pressão na economia, as chances de reeleição de Lula passam de 80%” - Clóvis Rossi, jornalista - Folha de S. Paulo, 5-10-04.

“A tarefa do PT agora é construir as bases da aliança para disputar as eleições de 2006”. - José Genoíno, presidente do PT - O Globo, 18-10-04.

PT e PSDB. É tudo japonês

“A distingui-los (PT e PSDB), existe apenas a circunstância de que o grupo paulista que manda no PSDB não é o mesmo grupo paulista que manda no PT. Mas no fim é tudo japonês”. - Ricardo Noblat, jornalista, no seu blog, 5-10-04.

Lula e a soja transgênica

“Brasil autoriza o cultivo da soja transgênica apesar da promessa de Lula de proibi-la. A decisão do primeiro exportador do mundo de soja natural irrita ecologistas e consumidores”. – manchete do jornal espanhol – **El País**, 18-10-04.

FHC, Serra e Lula

“Na última eleição presidencial, Fernando Henrique fingiu que ajudou Serra, mas torceu, e torceu muito pela eleição de Lula. Passar a faixa para um ex-operário que se elegeu pela esquerda e que governaria pela direita seria o fecho ideal para a biografia de um sociólogo vaidoso”. - **Ricardo Noblat**, jornalista, no seu blog, 5-10-04.

Não creio em Deus, mas na liturgia católica

*“O meu filme *La mala educación* mostra a minha fascinação com a liturgia católica que tive desde criança. Não creio em Deus, mas, sim, nas cerimônias. Assim que me apropriei das cerimônias e as dei aos meus personagens. E eles usam a liturgia católica, não para se relacionar com Deus, mas entre eles”.*- **Pedro Almodóvar**, diretor do filme *La Mala Educación*, em entrevista publicada pelo jornal argentino - **Clarín**, 13-10-04.

“Gosto dos santos, das virgens, de todas essas coisas. A Espanha vive a religião católica de um modo idólatra. Isso já o disse João Paulo II. A Semana Santa em Sevilha é diretamente pagã. Supõe-se que somos um país muito católico, mas vivemos a religião de modo muito profano”.- **Pedro Almodóvar**, diretor do filme *La Mala Educación* - **Clarín**, 13-10-04.

Espiritualidade

“Acho possível encontrar espiritualidade na descrição científica do mundo. Sou do time do (Albert) Einstein, que dizia que esse questionamento sobre o desconhecido é essencialmente espiritual. Não significa acreditar numa entidade sobrenatural controlando o mundo. Ou na existência da alma e de outras coisas além das leis da natureza”. - **Marcelo Gleiser**, professor de física e filosofia natural em Dartmouth, em New Hampshire - **IstoÉ**, 20-10-04

Sozinho com o Só

“Eu nasci poeta, mas me encontrei com Deus, me enamorei loucamente por Ele. E, como tinha lido o trapista americano Thomas Merton, me pareceu que tinha que entrar numa ordem onde não tivesse mais do que Deus; como dizem os beneditinos: “Sozinho com o Só”. – **Ernesto Cardenal**, poeta nicaraguense, ao lançar o terceiro volume das suas memórias em Madrid, em entrevista publicada no jornal espanhol – **El País**, 18-10-04.

“Para mim a esperança reside nessa juventude cujo lema é: “Outro mundo é possível”. Não tem líderes, nem ideologias, nem partidos. Mas estão na linha dos profetas da Bíblia, que não queriam sacrifícios nem incenso; estão na linha de Cristo, que não veio para se anunciar, mas para mudar o mundo. É preciso seguir acreditando que essa mudança está próxima. Afinal de contas, 2000 anos é nada na escala do tempo cósmico”. – **Ernesto Cardenal**, poeta nicaraguense, ao lançar o terceiro volume das suas memórias em Madrid, em entrevista publicada no jornal espanhol – **El País**, 18-10-04.

Mudar? Sim. Mas como?

“Estamos convencidos de que queremos mudar o mundo, mas sem saber como o fazer”. - **Bruno Rebelle**, diretor dos programas de Greenpeace em Amsterdam, participando do Fórum Social Europeu em Londres - **Libération**, 15-10-04.

A democracia brasileira segundo Chomsky

*“O Brasil teve uma eleição de verdade, não como a que está sendo gestada aqui nos EUA. Aqui a opção é entre homens nascidos na riqueza e o poder político, alunos da mesma universidade da elite, membros da mesma sociedade secreta, adestrados nas formas da oligarquia e apoiados pelos mesmos interesses privados. Mas, no Brasil, se elegeu uma pessoa de trajetória sindical, sem estudos universitários, com um grande movimento popular por detrás. Isso é democracia. E isso preocupa os EUA, porque estas coisas são contagiosas” – Noam Chomsky, lingüista, em entrevista concedida ao jornal argentino – **Clarín**, 16-10-04.*

Cena brasileira III

*“Não sei (quantos vestidos eu tenho), mas meu acervo está catalogado, assim como minha biblioteca. Digitalizei meus livros. Agora, estou fazendo isso com os vestidos. Fiz uma foto minha usando cada um deles. Junto com a foto, tem uma ficha com informações importantes. Coisas como onde e quando ele foi comprado, em que ocasiões foi usado e quando foi lavado pela última vez, etc. O único problema é que as empregadas não sabem mexer no computador. Quando quero uma roupa, tenho de procurar eu mesma”. – Yara Baumart, empresária paulistana, dona da Kyrón, a maior clínica estética do Brasil – **Veja**, 20-0-04.*

*“No cabelo, fiz reflexo e um relaxamento na raiz dos fios. É que, cá entre nós, (cochichando) meu cabelo é pixaim. Fiz uma plástica no nariz, outra no pescoço e coloquei silicone nos seios. Tenho aparelho fixo nos dentes, que empurra os lábios para fora, fazendo com que eles pareçam carnudos. Uso lentes de contato verdes ou azuis. Ponho as azuis quando estou relaxada ou em missões de paz. Comprei as verdes para ficar com a cor dos olhos dos meus netos quando estamos juntos. Agora, quando vou assinar contratos ou dar entrevistas, fico com os olhos castanhos mesmo, que transmitem firmeza”. - Yara Baumart, empresária paulistana, dona da Kyrón, a maior clínica estética do Brasil – **Veja**, 20-0-04.*

Obs. As editorias *Deu nos Jornais* e *Frases da Semana* sintetizam a atualização diária da página www.ihu.unisinos.br. Esta atualização é feita diariamente em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

Abrindo o Livro

O evento **Abrindo o livro**, em sua última edição, realizada dia 5 de outubro, contou com a professora Dr.^a Tânia Lindner Dutra, do PPG em Geologia da Unisinos, apresentando o livro **Vida maravilhosa**, de Stephen Gould. Sobre a obra, publicamos uma entrevista realizada com a professora, no **IHU On-Line** n.º 118, de 27 de setembro de 2004.

Ecos do evento

"O evento foi bem interessante, pois abriu uma ótica diferente de ver a ciência como um todo. O autor, Stephen Gould, é muito bom nesse sentido. A professora Tânia conseguiu passar a essência das idéias muito bem, fomentando uma boa discussão ao final da palestra. Foi bastante discutida essa questão de tentar fazer com que a Ciência seja algo puro, sem interferências externas, que acabam causando uma certa perda do verdadeiro objetivo da pesquisa. Stephen Gould foi um autor excelente por defender a liberdade e a isenção da Ciência".

Fernando Pereira, mestrando em Geociências na Unisinos.

"Na atividade **Abrindo o Livro**, havia pessoas de vários cursos, e muitos não conheciam a obra do Gould. Existe hoje a discussão muito forte entre os criacionistas e os evolucionistas, e Gould apresenta uma visão da evolução das espécies de maneira desmistificada, desvinculada da religião. Para ele, a evolução acontece totalmente ao acaso e não depende de Deus. Isso gerou um debate interessante ao final da palestra, que possibilitou nossa reflexão e permitiu que cada um tirasse a sua conclusão".

Eduardo da Silva Aguiar, doutorando em Geologia na Unisinos.

FRACTALS, CAOS E SISTEMAS COMPLEXOS

No dia 3 de novembro de 2004, acontecerá mais uma edição do evento **Abrindo o Livro**, promovido pelo IHU. O Prof. Dr. Ney Lemke, professor na Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, estará das 19h45min às 22h, na sala 1G119 do IHU, apresentando a obra *The Computational Beauty of Nature: Computer Explorations of Fractals, Chaos, Complex Systems and Adaptation*, de G. W. Flake. Cambridge: The MIT Press, 2000. O evento é gratuito e aberto à comunidade universitária.

Ciclo de estudos sobre "O método", de Edgar Morin

O Seminário *A saúde no paradigma da complexidade* foi a atividade do último encontro do **Ciclo de estudos sobre "O método", de Edgar Morin**. O convidado do Instituto Humanitas Unisinos para conduzir o debate foi o Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho, reitor e professor na Universidade Federal da Bahia (UFBA). O evento aconteceu no último dia 7 de outubro.

Ecoss do evento

"O tema tratado na palestra de hoje é muito atual, principalmente no aspecto de que as ciências estão convergindo. Isso comprova nossa construção social. As ciências se encontram e nunca foram opostas. Morin nos ensina a olhar o todo. Foi maravilhoso".

Vanda Garibotti, mestre em Saúde Coletiva pela Unisinos.

"O professor Naomar nos falou do pensamento de Edgar Morin, comparando a conversão das ciências com a complexidade da saúde humana. O homem é um ser inteiro. Não tem como tratar só uma parte. Para a cura ser completa deve haver uma visão holística, pois tudo está interligado. A própria Medicina já pensa assim. Morin despertou e foi o propulsor do que muita gente estuda hoje".

Lirane Elize Ferreto, aluna do mestrado em Saúde Coletiva na Unisinos.

IHU Idéias

CORPO-VERÃO E AGENDA DO CORPO

A doutoranda em Comunicação na Unisinos, Adriana Braga, falou aos presentes na última edição do evento **IHU Idéias**, no dia 7 de outubro de 2004, sobre o tema *Corpo-Verão: agenda do corpo na revista feminina*. A palestra foi baseada na sua dissertação de mestrado em Comunicação na Unisinos, defendida no ano passado. A pesquisa apresentada foi feita com base em 53 revistas da chamada imprensa feminina, veiculadas do período que antecedeu o verão até seu término, nos anos de 2001 e 2002. A professora apresentou sua análise sobre a construção de um padrão corporal feminino "adequado" para viver o período do verão. Seu estudo foi baseado na afirmação de Pierre Bourdier "o corpo feminino é um corpo para o outro". Entre os dados apresentados, citou que, em 100% das capas, apareciam mulheres magras e que, em 75% das capas, apareciam fotos de celebridades.

Ecoss do evento

"Gostei da palestra, achei muito bom o tema, porém senti que a palestrante apresentou o assunto sob uma certa ótica de inveja, como mulher que fica de fora do padrão estudado. Achei interessante a montagem final que ela fez com as partes do corpo de uma mulher que possuiria o 'corpo-verão'".

Paulo Villa do Prado Amaral, aluno do curso de História da Unisinos.

"A beleza feminina, em geral, é hoje deixada de lado para se falar em certos temas da sociedade. Mas, na história, a beleza ajuda as pessoas a se elevarem ou a se destruírem. Na mídia, a beleza deveria ser um tema mais observado, pois ela vende e preocupa as pessoas. Não pode ser esquecida ou banalizada".

Renata Bento, aluna do curso de Jornalismo da Unisinos.

RUMOS DA ARQUITETURA

A discussão sobre os atuais rumos da arquitetura foi a pauta do evento **IHU Idéias** de 14 de outubro de 2004. O Prof. MS Ronaldo de Azambuja Ströher, da Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, presenteou o público com uma amostra da arquitetura de principais prédios antigos, explicando que não há uma resposta para a pergunta "por onde vai a Arquitetura hoje?". Entre os comentários sobre a arquitetura atual, o professor Ronaldo disse que o conceito de ordem "já foi para o espaço" hoje. E que, talvez a característica mais presente das construções atuais, é a polarização entre o ficar superexposto e o esconder-se. Sobre o tema do evento, o professor concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na 118ª edição, de 27 de setembro de 2004.

Ecoss do evento

"Acho muito importante ter esse espaço na Universidade, para discutirmos com nossos alunos temas tão pertinentes. É constante o debate sobre para onde vai a arquitetura, com sua constante quebra de paradigmas. Seria bom se pudéssemos ter mais momentos como esse".

Vera Mascarello, professora do curso de Arquitetura da Unisinos.

"O assunto tratado foi bem discutido e acho importante que se debata a questão da arquitetura e das artes. Foi interessante a apresentação feita pelo professor das diferentes formas de expressão da arquitetura, para que pudéssemos enxergar as transformações ocorridas ao longo dos anos. Ronaldo nos fez entrar no raciocínio e chegar ao tema proposto".

Vinicius Silva, aluno do curso de Arquitetura da Unisinos.

O VAMPIRISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

No próximo **IHU Idéias**, dia 21 de outubro de 2004, será debatido o tema O vampirismo no mundo contemporâneo. O Prof. MS Marcelo Noronha, professor de Sociologia das Organizações e do Trabalho da Escola Técnica da UFRGS, é o palestrante que desenvolverá o debate. Graduado em Ciências Sociais pela Unisinos, o professor Marcelo Noronha é mestre em Educação pela UFRGS. Ele concedeu a entrevista a seguir, por e-mail, ao **IHU On-Line**, utilizando-se da obra **DEL PRIORE, Mary. Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano: séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

IHU On-Line - O que significa o vampirismo? Que perfil têm as pessoas que se identificam com esse movimento?

Marcelo Noronha - O vampirismo representa, primeiramente, uma retomada do que chamo de bens culturais ligados à figura do vampiro, ou seja, de filmes clássicos e de outros produtos provenientes, em larga escala, da indústria cinematográfica, uma vez que o cinema é o grande divulgador do vampiro no mundo moderno, em especial no Ocidente. Outra forma de abordar o vampirismo diz respeito à reflexão sobre o comportamento de alguns grupos de jovens que assumem certas posições estéticas (andar só de preto, por exemplo) e ritualísticas. Nos Estados Unidos, em meados da década de 1990 do século passado, alguns jovens, liderados por um "pai", estabeleceram pactos de sangue e o compromisso de manter uma postura diferenciada em relação aos seres humanos (sim, eles acreditavam que eram vampiros, uma raça mais evoluída que a dos homens). Existe um interessante documentário intitulado *Jovens vampiros* (1998), dirigido por Mark James e exibido no Brasil, no ano 2000, através do canal de TV a cabo *People + Arts*, que aborda a história deste grupo, a partir de considerações de familiares dos envolvidos e de profissionais ligados à área da religião e da saúde. Alguns especialistas no assunto observam que o vampirismo está próximo dos movimentos góticos e *darks*, reafirmados, em especial, a partir da década de 80 do século vinte.

IHU On-Line - Qual o imaginário que há por trás do vampirismo? Até que ponto ele tem a ver com o estereótipo do vampiro apresentado no cinema?

Marcelo Noronha - A crença em vampiros é tida como universal, uma vez que é observada em várias culturas e em tempos históricos diferenciados. Quando se fala sobre vampiros, inevitavelmente a questão da morte se faz presente. Os vampiros representam, em larga escala, o sonho da imortalidade. Outros sentidos também podem ser associados ao vampirismo. A problemática do desejo e da sexualidade também tem a ver com este universo. Os filmes sobre vampiros apresentam inúmeras abordagens sobre esta questão, tratando o vampiro ora como um sedutor, ora como um verdadeiro esturpador. O contato sexual do vampiro é fundamentalmente oral (sua violência consiste, principalmente, em penetrar a vítima por meio da mordida). Um filme excelente que aborda com muita sensibilidade estes dois lados chama-se *Bram Stoker's Dracula* (1992), dirigido pelo cineasta norte-americano Francis Ford Coppola. Creio ser inevitável a influência do cinema sobre os novos imaginários não somente sobre vampiros, como sobre muitas outras temáticas.

IHU On-Line - Que relações podem ser estabelecidas entre esse movimento e o cenário sociocultural atual? Que características da pós-modernidade podem impulsionar a criação de movimentos como esse?

Marcelo Noronha - Não sei se o vampirismo pode ser considerado, efetivamente, um movimento social, pois sua dimensão ainda é bastante desconhecida. O fato de alguns grupos de jovens vestirem-se como os vampiros do cinema em alguns lugares do mundo, em tempos quase que simultâneos, deve representar algo, mas não sei precisar seu sentido. De qualquer forma, o vampirismo é a expressão da insatisfação de alguns grupos em relação aos valores predominantes em suas sociedades: tornar-se um “vampiro” é provocar o estranhamento em determinados espaços e culturas.

IHU On-Line - Quais os diversos lugares que ocupa a figura do monstro na atualidade? Na propaganda da RBS é usado para evitar a violência contra as crianças e, em épocas anteriores, ao contrário, era usado como imagem assustadora para manter a disciplina delas. O que isso pode significar?

Marcelo Noronha - A partir dos anos 80 do século passado, tornou-se crescente, em especial no Ocidente, a presença de monstros nas produções culturais voltadas, em tese, para os públicos infantil e infanto-juvenil. Filmes, desenhos, revistas em quadrinhos, jogos e outros bens começaram a circular de forma sistemática, o que provoca, de certo modo, um processo de intimidade com estas figuras. De acordo com a historiadora Del Priore (2000, p.12), em referência aos chamados monstros, “a cultura contemporânea acabou por torná-los familiares, trazendo-os para nosso cotidiano e privacidade”. No caso da RBS, acredito que a campanha contra a violência infantil opera com esta lógica e/ou tendência. Sendo esta violência quase sempre um fenômeno doméstico, por que não explorar nossos monstros interiores?

IHU On-Line - Por que considera importante discutir estas temáticas numa universidade que seria, por princípio, um espaço importante para pensar a sociedade?

Marcelo Noronha - O mundo contemporâneo é cada vez mais complexo e fragmentado. Em tempos de pretensa globalização, vê-se o Planeta em meio a inúmeros conflitos étnicos e religiosos. Novas lógicas de organização familiar se fazem presentes e o próprio universo do trabalho tem sofrido importantes mudanças, a partir de um processo de subproletarização, caracterizado pelos regimes de contratos temporários, parciais e substitutos, por exemplo. Pensar o vampirismo em meio a este contexto é abordar tão somente mais um movimento humano, talvez reacionário, no sentido da retomada de figuras tão antigas, talvez de vanguarda, já que propõe, de forma geral, uma nova ética, baseada na liberdade sexual e no descompromisso político formal. Acredito que o papel da universidade, em especial na sua área de Humanas, seja o de reconhecer estes fenômenos como objetos de estudo, passíveis de investigação científica.

BIOINFORMÁTICA PARA COMPREENDER A VIDA

O último **IHU Idéias** do mês de outubro, a ser realizado no próximo dia 28, terá à frente o professor Dr. Ney Lemke, da Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, para falar sobre o tema *Bioinformática: uma nova perspectiva para compreender a vida*. O evento é gratuito e acontece das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. A matéria de capa do próximo **IHU On-Line** terá como tema a questão da Bioinformática e das nanotecnologias.

Acompanhe, a seguir, a programação do IHU Idéias do mês de novembro:

04/11/04 - *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* - André Musskopf - Doutorando na EST.

11/11/04 - *As Igrejas e a política nas eleições de 2004* - Prof. Ari Pedro Oro – Professor na UFRGS.

18/11/04 - *Arquitetura e Turismo: padrões e averiguados. Realidade constatada – Caso de Florianópolis* - SC - Prof. Paulo Edir R. Martins – Professor na Unisinos.

25/11/04 – *Por onde anda a eclesiologia, hoje? Limites e possibilidades depois de 40 anos da Lumen Gentium* - D. Frei Boaventura Kloppenburg, OFM e D. Frei Aloísio Lorscheider, OFM.

Economia Solidária no Sala de Leitura

O livro **Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil**, organizado pelo Prof. Dr. Luiz Inácio Gaiger, da Unisinos, será por ele apresentado no próximo evento **Sala de Leitura**, dia 19 de outubro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. A promoção é gratuita e aberta à comunidade acadêmica. Luiz Inácio Gaiger é professor e coordenador do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos. Publicamos, a seguir, a apresentação do livro, escrita pelo professor.

Esse livro apresenta os resultados da primeira pesquisa sobre Economia Solidária, realizada em escala nacional no Brasil. No período 1999-2003, diversas equipes de pesquisa trabalharam na coleta e análise de dados, buscando traçar um quadro amplo e fidedigno desta nova realidade social e econômica, composta por inúmeras iniciativas populares de produção econômica, de comercialização e de crédito, baseadas todas na união de forças e nos princípios de autogestão e de cooperação. Da mesma forma, foram identificadas as organizações de apoio aos empreendimentos solidários, as instâncias representativas criadas por seus diferentes setores e as principais políticas públicas instituídas pelo Estado.

Os capítulos do livro sintetizam as principais conclusões da pesquisa, em diferentes estados e regiões do País. Somando-se essas contribuições, tem-se um avanço importante de dados objetivos da compreensão das razões de emergência e da economia solidária nos últimos anos, das suas lógicas de desenvolvimento e das possibilidades para que essas múltiplas experiências se consolidem e ganhem um sentido decisivo para as lutas de emancipação dos trabalhadores.

Com esse trabalho, a Rede de Estudos e Pesquisas Unitrabalho visa a oferecer mais um instrumento para o nosso pensar e o nosso agir transformador.

ÉTICA APLICADA

O evento **Sala de Leitura**, promovido pelo IHU, terá, em sua próxima edição, no dia 26 de outubro, a apresentação do livro **Ética aplicada. Pontos e contrapontos**, de José Nedel, professor no PPG em Filosofia da Unisinos. O evento é gratuito e acontece das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

O Continente no II Ciclo de Estudos sobre o Brasil

O clássico de Erico Veríssimo, **O Continente**, foi a obra discutida na última sessão do **II Ciclo de estudos sobre o Brasil**, no dia 14 de outubro. A professora MS Eliana Inge Pritsch, da Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos, foi a responsável pela palestra. Eliana Pritsch concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line**, na 118ª edição, de 27 de setembro de 2004.

Ecos do evento

"Achei interessante a forma como a professora trouxe a obra de Erico Verissimo, explorando o presente e voltando ao passado de várias maneiras, tudo explicado de uma forma fácil de entender. O Ciclo de Estudos sobre o Brasil é um evento muito importante pela diversidade cultural que oferece através dos autores clássicos brasileiros".

Paulo Cristiano Lautert, aluno do curso de História da Unisinos.

"A obra de Erico Verissimo amplia o nosso entendimento sobre a construção da figura do gaúcho. Foi importante a relação histórica que a professora fez entre a obra e a realidade da época em que foi escrita. Isso foi uma constante em todo o Ciclo de Estudos, e fez uma diferença enorme na compreensão dos livros".

Lisiane Ramos, aluna do curso de História da Unisinos.

Terceiro aniversário do IHU é comemorado pela Universidade

Uma exposição itinerante pela Unisinos envolveu toda a comunidade acadêmica na comemoração dos três anos de existência do Instituto Humanitas Unisinos. Os objetivos da exposição foram festejar os três anos do Instituto Humanitas Unisinos, dar-lhe visibilidade e valorizar as diversas iniciativas do IHU que identificam sua missão na Universidade. A exposição foi inaugurada no final da tarde de segunda-feira, 27 de setembro, e foi concluída no dia 7 de outubro.

Confira a opinião de quem comemorou junto com o IHU:

"Foi uma pena a curta duração da exposição. Achei válida a mostra de uma série de artigos e entrevistas que são muito úteis para serem lidos como fonte de pesquisa. Falo isso, tendo como base a revista **IHU On-Line**, que estava exposta com suas várias edições. Toda a semana, quando o boletim chega para eu distribuir, aqui no Posto de Atendimento, eu guardo um exemplar para mim. Sugiro para as próximas vezes deixar a exposição mais tempo em cada Unidade de Ensino. Uma noite é muito pouco".

Armando Freitas, aluno do curso de Relações Públicas e funcionário da Unisinos.

"Acompanho a publicação semanal do IHU há mais de um ano e considero os temas nacionais e internacionais abordados interessantes, atuais, de qualidade e de grande importância para nossas reflexões. Esses temas transpõem, na prática, toda nossa teoria acadêmica. Quanto à exposição itinerante, mais uma vez, o IHU deu um show de organização. Os atendentes estavam bem preparados e o material bem-organizado e de fácil acesso para os visitantes. O que mais me chamou a atenção foi o assunto abordado na última edição do **IHU On-Line**, 'Lei do Ato Médico', pois sou estudante de Psicologia, do 8º semestre, e estou vendo que este projeto tem uma visão muito simplista e reducionista quanto à prevenção de saúde, uma vez que os alunos da Unisinos têm a oportunidade de conviver com saberes multidisciplinares e interdisciplinares como complementos uns dos outros, e não como uma 'espécie de competição entre os saberes'. A todos os que produzem o IHU, meus parabéns pelos três anos de existência. E continuem com o trabalho, com as exposições e com a publicação semanal."

Aline De Negri Silva, aluna do curso de Psicologia da Unisinos.

"Eu estava de passagem pela Unisinos, para fazer um curso de capacitação. Não conhecia o Instituto Humanitas Unisinos nem suas publicações. Achei muito interessante. Já li a revista que

ganhei e tenho interesse em continuar recebendo essas obras tão atuais. Inclusive dei a revista sobre Filosofia para minha filha, que é da área, e ela também ficou interessada. Parabéns!".

Silvia Helena da Silva Chaigar, assistente social em Pelotas.

Humanitas Arte

A comunidade acadêmica da Unisinos terá mais uma exposição artística oferecida pelo projeto **Humanitas Arte**.

De 27 de outubro a 4 de novembro, o artista Caé Braga terá suas obras expostas na Galeria Cultural da Biblioteca, das 8h às 22h15min. A abertura da exposição, no dia 27 de outubro, está marcada para as 17h. O artista também ministrará duas oficinas no miniauditório da Biblioteca. Será no dia 29 de outubro, das 9h às 12h e das 14h às 17h. Os interessados devem se inscrever previamente no setor de Admissão e Matrícula da Unisinos.

Natural de Porto Alegre, o artista Caé Braga trabalhou por seis anos com o escultor Luiz Gonzaga até 1991, após permanecer dois anos no Atelier Vasco Prado. Realizou mais de 15 exposições, participando inclusive da I Bienal do Mercosul, em 1997, e da exposição comemorativa aos 450 anos da cidade de São Paulo no SESC-SP, neste ano. Recebeu medalha de ouro no Salão da Escultura e Pintura de Novo Hamburgo e, no mesmo ano, ficou em 1º lugar no Prêmio Incentivo no Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre.

2005: II Ciclo de Estudos sobre “O Método” de Edgar Morin, em Porto Alegre

O Instituto Humanitas Unisinos, em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre, promoverá, durante o ano de 2005, a realização do *II Ciclo de Estudos sobre “O Método” de Edgar Morin*. O ciclo se realizará na Livraria Cultura, no Shopping Bourbon Country, em Porto Alegre, uma vez por mês. O evento iniciará em março de 2005 e se estenderá até o mês de novembro.

Desenvolvimento sustentável do Brasil. Limites e possibilidades

Desenvolvimento sustentável do Brasil. Limites e possibilidades é o tema da oficina que será ministrada pelo Prof. Dr. Marcel Bursztyn - UNB no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade a se realizar, na Unisinos, de 16 a 19 de maio de 2005. O Prof. Dr. Marcel Bursztyn também ministrará um curso, dentro da Programação do Simpósio, com o tema: Desenvolvimento Sustentável. Fundamentação teórico-prática. Para mais informações sobre o Simpósio, confira o site www.ihu.unisinos.br. Atendendo à solicitação de muitos colegas, foi prorrogado o prazo para a inscrição em minicursos para o Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade até o dia 15 de outubro de 2005.

IV Jornada de Estudos sobre Religiões e Diálogo Inter-religioso

No próximo sábado, dia 23 de outubro, acontecerá a *IV Jornada de Estudos sobre Religiões e Diálogo Inter-religioso*. O evento é promovido pelo Gdirec, do IHU, e acontece das 9h às 12h, no Auditório Central da Unisinos.

Teologia, Cultura, Religiões e Missão das IESCs

Este foi o tema da *XI Encontro Nacional de Professores de Teologia e Cultura Religiosa* que iniciou dia 5 de outubro, na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), promovido pela Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas (ABESC). O encontro estendeu-se até o dia 8 de outubro. No dia 6 de outubro, o Prof. Dr. Inácio Neutzling, diretor do IHU, proferiu a conferência *A universidade confessional no mundo atual* e, no dia 7 de outubro, o Prof. Dr. Antônio Reges Brasil falou sobre *Teologia e Cultura Religiosa nas IESCs*. Grupos de trabalho, apresentação de trabalhos e comunicações fizeram parte da programação. O evento teve o apoio da PUC-RS e do IHU da Unisinos.

Tecendo solidariedade, cidadania e mística

De 9 a 12 de outubro, em São Paulo, reuniram-se mais de 200 pessoas, convocadas pela Companhia de Jesus que atua nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal, para o seminário *Tecendo Solidariedade, Cidadania e Mística*. O objetivo do seminário foi dialogar sobre o universo da filantropia e da assistência social, discutindo a contribuição que cada obra social dos jesuítas pode dar na implementação das Políticas Públicas. *A Assistência Social como Política Pública e de Cidadania. Perspectivas de intervenção e de participação* foi a primeira conferência proferida pela Profa. Dra. Potyara A. P. Pereira da Universidade Nacional de Brasília (UnB). O prof. Dr. Carlos Palácio, jesuíta, professor do Centro de Estudos Superiores de Belo Horizonte, proferiu a conferência *Mística Cristã do amor solidário*. O ex-deputado federal, constituinte de 1988, Plínio de Arruda Sampaio, desenvolveu o tema *A construção social e política da cidadania: participação civil pelo direito de definir direitos. Os desafios para a práxis cristã à luz dos novos paradigmas* foi o tema da última conferência do seminário, que esteve a cargo de Inácio Neutzling, diretor do Instituto Humanitas Unisinos. Doze tendas, nas duas tardes do seminário, trabalharam temas, como *Arte e Cidadania*, a cargo da Casa de Juventude de Goiânia; *Pré-universitários e cidadania*, sob a responsabilidade do Centro Pastoral Santa Fé de S. Paulo; *Assistência Social como Direito Constitucional no Ensino Superior*, sob a coordenação da PUC-Rio; *Formação para a cidadania e direitos humanos*, a cargo da Faculdade de Direitos Humanos de Minas Gerais.

Teilhard de Chardin para o século XXI

De 21 a 24 de outubro de 2004, se realizará, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, o *Simpósio Internacional Teilhard de Chardin*, promovido pela Associação Italiana Teilhardiana e pela Associação Francesa Teilhardiana. O título do Simpósio Internacional é: *Um mundo em evolução: fé, ciência e teologia*. O Simpósio será aberto pelo Pe. Peter-Hans Kolvenbach, superior geral da Companhia de Jesus, e analisará a complexa obra de Teilhard de Chardin do ponto de vista científico, filosófico e teológico. A dimensão teológica da produção do autor será examinada por Gerald O'Collins, professor da Pontifícia Universidade Gregoriana, Rosino Gibellini, já entrevistado pelo *IHU On-Line* n.º 102, de 24 de maio de 2004, Carlo Molar, André Dupleix, Gustave Martelet Georges Chantraine. O Simpósio abre as celebrações do 50º Aniversário da morte de Teilhard de Chardin, jesuíta, falecido em Nova Iorque, no domingo de Páscoa de 1955. O momento central do cinquentenário será o congresso de Nova Iorque, que terá como tema *A globalização e o futuro do homem*, em abril de 2005.

Teilhard de Chardin no Brasil

O cinquentenário da morte de Teilhard de Chardin será celebrado no Brasil, com a realização do *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, na Unisinos, de 16 a 19 de maio de 2005. Durante o simpósio, haverá um curso sobre a vida e a obra de Teilhard de Chardin, que será ministrado pelo Prof. Dr. Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, da PUC-Rio. O Prof. Dr. Paul Schweitzer, também da PUC-Rio, coordenará a oficina sob o título *A dimensão espiritual da realidade do cosmos. Uma leitura a partir de Einstein e Teilhard de Chardin*. Vários minicursos sobre Teilhard de Chardin, além de um vídeo, estão, igualmente, programados para o Simpósio.

[\(Voltar ao índice\)](#)



IHU REPÓRTER

Romeu Forneck

O gerente financeiro da Unisinos, professor Romeu Forneck, diz aos leitores do IHU On-Line que tem uma bela história, da qual gosta muito. Ele relata essa trajetória na entrevista a seguir, concedida na sede do IHU. Praticamente de malas prontas para o doutorado em Economia, a ser cursado em Berlim, na Alemanha, o professor Romeu enfatiza: "Acho importante servir de bom exemplo a todos os amigos e colaboradores, pois acredito que nós comunicamos muito como exemplo".

Origens - Nasci em 1963, em São Pedro da Serra. Sou o sétimo de uma família de 12 filhos, dos quais dois já faleceram. Agradeço pela família que Deus me deu. Era uma família numerosa, de acordo com a organização social e econômica daquela região, os minifúndios. Tive, na minha infância, uma experiência muito interessante, que foi um momento de dificuldades financeiras. Isso foi nos anos 1970. Os produtos agrícolas eram pouco valorizados, havia pouca tecnologia. Nesses momentos, se criam relações familiares muito fortes. Desde cedo trabalhei na roça, até os 15 anos. Saí da lavoura para trabalhar como galponista, com criação de frangos, na granja que depois veio a ser a Frangosul. Mais tarde, saí dali e fui trabalhar em uma Olaria.

Infância, família e fé - Considero-me um produto da formação muito forte que tive da minha família, como católicos praticantes de muita fé. Os jesuítas fazem parte da minha vida desde a infância. Quando guri, minha mãe me chamava às 4 horas da manhã para me preparar para a missa das 6h, em que eu era coroinha. O pároco era o padre Lúcio Neis. Ele tinha uma amizade muito grande com meus pais. Ia almoçar lá em casa e, enquanto a mãe preparava a comida, ele conversava com ela, fazendo o papel de psicólogo e educador das questões importantes da vida. Desde então, tenho a influência do projeto jesuítico de educação.

Formação - Era determinação dos nossos pais o estudo. Todos os filhos tiveram que estudar até o término do segundo grau. O ensino fundamental eu cursei na Escola Imaculado Coração

de Maria, uma escola das irmãs em São Pedro da Serra. Eu fiz o segundo grau no Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul, mas não era interno. Em junho de 1984, ingressei na faculdade de Administração da Unisinos. Quando estava quase concluindo a graduação, paralelamente comecei a cursar Comércio Exterior e Economia. Fiz um curso de especialização em Engenharia da Qualidade, em 1991. Em 1993, fiz outro curso de especialização em Administração Financeira e, em 1994, fiz especialização em Gestão Empresarial. No ano de 1996, ingressei no Programa de Mestrado em Administração da PUC-Rio, concluído em 1999. Agora estou me preparando para fazer o doutorado em Economia, em Berlim, na Alemanha. Quero explorar a contribuição que os jesuítas deram para o desenvolvimento nos locais onde as suas propostas foram levadas a termo. A hipótese é a de que, onde houve essas propostas, vemos hoje alguma influência, que culminou em um aspecto típico de desenvolvimento.

Ingresso na Unisinos - Em maio de 1984, fiquei sabendo que um morador de São Pedro da Serra, o Pedro Schmitz, que trabalhava na Unisinos, iria se mudar para São Paulo. Na hora, me despertou a idéia de que eu poderia ocupar a vaga dele, no setor de audiovisual. Ele era o fotógrafo da Unisinos. Peguei um ônibus e fiz a viagem mais longa da minha vida até então. Cheguei a São Leopoldo, na Unisinos, e fui falar com o irmão Virgílio. Foi uma bênção a nossa conversa. Ele era responsável pelo audiovisual e também era o diretor da Biblioteca. Nossa conversa rendeu, e a vaga foi minha. Eu trabalhava com equipamentos de audiovisual e fotografia. Depois comecei a trabalhar com edição de vídeos. O primeiro comercial da Unisinos nós mesmos fizemos e montamos.

Trajatória na Unisinos - No ano de 1991, com a mudança de Reitoria na Universidade, o professor Teodoro Herzog me convidou para trabalhar com ele, nas finanças da Unisinos. Eu estava mergulhado no trabalho com o irmão Virgílio, foi difícil me desvincular. Mas aceitei, pois aquela proposta conferia com meu projeto de vida, que era seguir a área econômica e ser professor universitário. Acertei minha transferência com o irmão Virgílio, que é o grande responsável pela minha trajetória, uma pessoa espetacular. Em 1992, fui para o planejamento econômico da Universidade. Comecei a lecionar na Unisinos em 1997. Nesse meio tempo, fui crescendo dentro da Universidade, como gestor e chefe de planejamento. Em 2000, passei a dar aulas na Pós-Graduação e, em 2001, fui convidado para ser o diretor financeiro da Universidade. No final do ano passado, quando fizemos uma grande mudança na estrutura da Unisinos, convencionou-se que a Universidade procuraria alguém para ficar no meu lugar, para que eu pudesse estar liberado para fazer meu doutorado. Atualmente sou o gerente financeiro da Unisinos, mas já construindo minha saída.

Liderança de organizações - Em 1990, entrei na Associação Internacional dos Estudantes de Ciências Econômicas (AIECEC) e terminei como presidente dessa Associação. Em 2002, assumi a presidência da Fundação Universitária para o Desenvolvimento do Ensino e da Pesquisa (Fundepe Unisinos) e, nesse ano, acabei também sendo eleito presidente da Associação Riograndense de Fundações, que é o órgão que congrega todas as fundações do estado, atualmente em torno de 400.

Família - Em 1992, conheci a Janete Werner, minha esposa, que também é de São Pedro da Serra. Em 1993, nos casamos e viemos morar em São Leopoldo. Encontramos, inicialmente, dificuldades para constituir nossa família. Descobrimos que, por métodos normais, não teríamos condições de ter filhos. Mas em 2000, com apoio externo, tivemos a felicidade de receber nosso primeiro filho, o José Pedro. E, em 2002, veio a Ana Clara, a primeira criança no Brasil a nascer

pelo método do congelamento do óvulo. Ser pai e ter uma família é algo fantástico. Não há nada que se assemelhe. Isso muda todos os valores.

Hobby - Sou um apicultor e cultivo isso com prazer. Estamos restaurando a casa que era do meu avô, em Poço das Antas, aqui no Estado, para fazer um projeto ambiental, trazendo para o presente os valores que a família construiu com o tempo. Gosto tremendamente da apicultura.

Autor - Pedro Calderan Beltrão.

Livro - *Sociologia do desenvolvimento*, de Pedro Calderan Beltrão.

Filme - *A Guerra do Fogo*, de Jean-Jacques Annaud.

Presente - Gravatas. Gosto de usar gravata por questão de respeito às pessoas.

Nas horas livres - Estar com as minhas crianças e mexer com abelhas.

Um sonho - Quero contribuir com a sociedade no sentido de oportunidades de geração de renda, para que ela se torne mais justa no aspecto econômico-financeiro. É preciso preservar aspectos de competição, que são necessários para o dinamismo. Mas, se colocarmos condições de acesso às pessoas, elas respondem; não precisamos fazer por elas.

Momentos marcantes - Minha conversa com o irmão Virgílio Adamy, que definiu minha entrada na Unisinos, foi marcante. Eu também senti muito a perda da minha mãe no ano passado. A mãe foi uma pessoa fantástica. O legítimo exemplo de total dedicação, de abrir mão de todas as coisas pessoais, dedicando-se integralmente à família. Agora tenho mais noção para ver a dimensão do trabalho dela. Ela fazia roupa, fazia comida, ia junto para a roça, dormia pouco, porque com 12 filhos, à noite sempre tinha um chorando. Estava sempre firme, uma mulher forte, carinhosa, muito católica. A vida dela me marcou muito. Seria muito injusto não agradecer pela oportunidade de ter nascido em uma família espetacular.

Unisinos - Um mecanismo de desenvolvimento. Basta imaginar os 30 mil alunos que estudam aqui, vindos das mais diversas regiões do estado e do País, e que levam para suas regiões as coisas que se constroem aqui. Toda a produção científica surte seus efeitos nessas regiões, e são efeitos gradativos, não impactantes, mas que se constroem e se consolidam com o tempo. A Unisinos está conseguindo fazer isso muito bem na sua opção pela qualidade, no investimento na pesquisa e pós-graduação. Ela também está motivando outras instituições de ensino superior no País, como um exemplo de universidade.

IHU - Uma das coisas que não atingimos ainda claramente na Unisinos são as opções estratégicas. Não podemos dizer "a área de Economia da Unisinos pensa assim...". No Instituto Humanitas isso está se definindo. O IHU está conseguindo dar a mensagem da Unisinos para o seu meio. Esse é o seu diferencial. O Humanitas é a marca que tem o pensamento da Unisinos e dos jesuítas com todos os seus valores.

[\(Voltar ao índice\)](#)

SALA DE LEITURA



"Estou lendo o livro **Será que Deus joga dados? – A nova matemática do caos**, de Ian Stewart, publicado pela editora Jorge Zahar, 1990, 338 páginas. Trata-se de uma interessante introdução aos sistemas dinâmicos e à chamada matemática do Caos, escrita em linguagem bastante acessível para quem tem muito interesse e pouco conhecimento sobre matemática e física. Habilmente ilustrado, o livro apresenta uma tentativa, em minha opinião, bem sucedida, de fazer chegar ao leitor não-iniciado os principais problemas que deram origem ao estudo da evolução de sistemas que apresentam comportamento aparentemente indecifrável, mesclando história e ciência de forma muito bem dosada. É muito bom, por exemplo, o capítulo sobre atratores estranhos, em que o autor aponta, de forma bastante completa, as várias possibilidades de comportamento de sistemas bidimensionais a tempo contínuo, para depois dar exemplos bem mais complexos em dimensão três ou a tempo discreto, mostrando que a boa descrição dos fluxos em dimensão dois não pode ser estendida a outras situações".

Prof. Dr. Rafael Rigão Souza, mestre e doutor em Matemática e professor na Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos.



"O livro **Perdas Necessárias**, de Judith Viorst (São Paulo: Melhoramentos), é uma bela obra que aborda em profundidade o tema Perdas Emocionais que as pessoas passam durante a vida. O tema é analisado e exemplificado sob diferentes óticas. Seja ela sobre a morte física, ou sobre os diferentes processos de deixar de existir ou perder, como, por exemplo, os papéis e as máscaras que assumimos na vida, espaços pessoais, o *status*, o poder, a referência, etc. Esta leitura pode servir de entendimento e suporte às pessoas que estão em fases significativas de vida e também para aqueles que estão num processo de autoconhecimento, sem, contudo, ser uma obra de auto-ajuda. Eu diria que é uma obra de psicologia compreensível para os leigos que desejam crescer e entender mais a natureza humana".

Prof.ª MS Lídia Mancina, psicóloga, mestre em Administração e professora da Unidade de Ciências Econômicas da Unisinos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

ENQUETE NO SÍTIO DO IHU - [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://www.ihu.unisinos.br)

Confira o resultado da enquete da última semana

*A enquete perguntava a respeito do tema de capa, abordado pela última edição de **IHU On-Line**, o projeto de lei 25/2002, que regulamenta o Ato Médico. Lendo as diferentes opiniões de médicos, psicólogos, enfermeiros e outros estudiosos do tema, qual é a tua opinião:*

- () sou favorável à aprovação do projeto de lei do Ato Médico - 8.333%
- () sou contrário à aprovação do projeto de lei do Ato Médico - 91.66%
- () não tenho opinião formada sobre o projeto de lei do Ato Médico - 0%

Comentários à enquete:

Essa questão não deve ser objeto de lei, que, se aprovada, será de difícil fiscalização. É preciso considerar que os Conselhos têm por função punir os profissionais que, irresponsavelmente, prescrevem medicamentos ou fazem diagnósticos, desconsiderando a parceria dos médicos. Os médicos também deveriam ser punidos quando prescrevem sistematicamente remédios, causando dependência química, para conter os efeitos de determinada patologia, sem indicar tratamento alternativo que atue nas causas. Esse projeto-lei é descabido no seu fundamento, na medida em que prega que só os médicos são profissionais corretos e responsáveis. Tem ainda o velado interesse da lucratividade almejada pelos médicos. Insisto, essa é uma questão que se resolve naturalmente, com o contínuo profissionalismo e parceria entre as partes envolvidas.

Edson Sanson

Os médicos não são os únicos profissionais que tratam da saúde da população, eles têm de entender que existem outras.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br. Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br. Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS